

ENCICLOPÉDIA

Sul - Rio - Grandense

Ilustrada

ANTONIO CARLOS MACHADO

VOL. I

FASC. 2º



GRÁFICA EDITORA BERTHIER
PASSO FUNDO—RS
1988

ANTONIO CARLOS MALIADO

ENCICLOPÉDIA
Sul - Rio - Grandense
Ilustrada

PASSO FUNDO - RS

ANTONIO CARLOS MACHADO

ENCICLOPÉDIA
Sul - Rio - Grandense
Ilustrada

PASSO FUNDO—RS

Capa: crayon de Adilson Mesquita

Ilustrações especiais:

Maria Goretti Bettencourt

Mariane Loch

Ficha Catalográfica

M149

MACHADO, Antonio Carlos

Enciclopédia Sul-Rio-Grandense
Ilustrada. Passo Fundo, Edição do
Autor, 1988.

v. 1 fasc. 2º

CDU: 03(816.5)

1. Enciclopédia Sul-Rio-Grandense

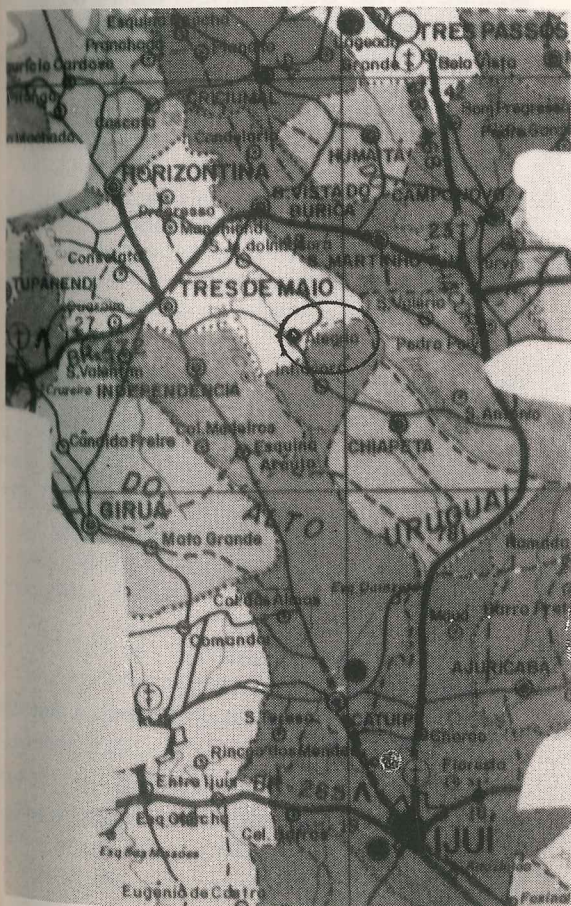
Responsável: SUZELI DEMIN FUMAGALLI
CRB 10/482

A

ALEGRIA¹, Geogr. Município do Alto Uruguai. Data da criação: 31.12.1987. Área territorial: 181 Km². População estimada: 1988 12.000

ALEGRIA², Geogr. Cidade a 290 metros de altitude, sede do município de igual denominação. Nome anterior: Rincão da Alegria. // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Inácio Montanha. Unidade Sanitária. Conselho Comunitário Pró-Segurança Pública (CONSEPRO), fundado em 08.10.1987, sob a presidência de Pedro Ivo Poensch.

ALEGRIA, Ana Luíza, Biogr. Artista plástica, principalmente gravurista.



Alegria : localização geográfica.

ALEGRIA-DO-JARDIM, S.f. Bot. Planta ornamental. Flores pequenas, dispostas em forma de espiga. Floresce o ano todo. Pl.: alegrias-do-jardim.

ALEGRIAS¹, Geogr. Localidade na Serra do Sudeste (M. de Pinheiro Machado).

ALEGRIAS², Geogr. Localidade no distrito de Povo Povo (M. de Rio Grande).

ALEGRIAS³, Hidrogr. Arroio afluente do Santa Maria, pela margem direita.

ALEGRINHO, S.m. Ornitol. Pássaro da família dos tiranídeos. Bico negro. Garganta brancusca. Rêmiges cinza-escuras, estriadas de branco. Tarsos e metatarsos negros (Serpophaga subcristata Vieil.).

ALEGRO, Adj. Que tem ou sente alegria; contente de si mesmo; afortunado com a posse de alguma coisa; satisfeito até ao extremo (na Região Colonial Italiana).

ALEGROS E SURDINAS, Liter. Versos de Zeferino Brasil, P. Alegre, Tip. e Liv. Americana, 1890. // O autor tinha quinze anos quando publicou este livro. Obra de estréia. ultraromântica, muito ligada a Musset, segundo Guilhernino César.



Zeferino Brasil

ALEGROTE (De *alegre* + *ote*), Adj. (V. Alegrete). "E de repente, já *alegrote*, agarrou o cachorro dele mesmo, um cusquinho oveiro..." (Anita, As Andanças do Zeca Pedro, p. 124). // Flexão fem.: alegrota.

ALELUIA (Do hebraico *alleluiah*), S.f. Bot. Arbusto da família das leguminosas. Folhas compostas. Flores vistosas, hermafroditas. Ovário unicarpelar.

ALÉM DO SILÊNCIO, Liter. Novela de Mila Cauduro, P. Alegre, Globo, 1968.

ALEMOA (Forma popular de *alemã*, por influência do coletivo *alemoada*), S.f. "Acho que a *alemoa* marchou..." (Érico, O Arquipélago, 3a. ed., p. 395).

ALÉM-JACUÍ, Loc. adv. Além do Jacuí; s.m. a região que fica além-Jacuí. // A palavra *além*, como prefixo, impõe o uso do hífen.

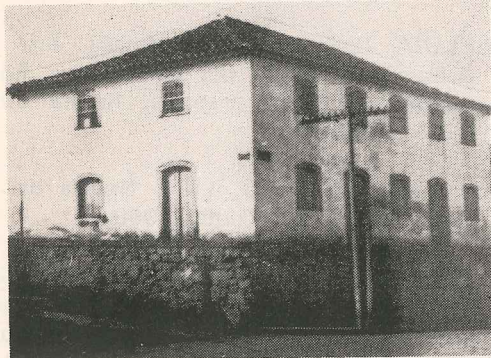


Alegrinho

ALENCAR, Alexandrino Faria de, Biogr. (1848-1926), Grande vulto da Armada nacional, nascido em Rio Pardo. Ingressou em 1865 na Escola Naval, atingindo o almirantado. Como Ministro da Marinha realizou fecunda gestão, reaparelhando a esquadra, criando arsenais e estabelecimentos de ensino adequados. Sobrinho de Matheus José Ferreira de Faria, prócer farroupilha. // *Escola Estadual de 1ª Grau Alexandrino de Alencar*: educandário na cidade de Rio Pardo, subordinado à 6ª DE.

ALENCAR ARARIPE, Geogr. Povoado no 1º distrito, à margem direita do arroio Marrecão. Nome anterior: Linha Alencar Araripe (M. de Garibaldi). // Tristão de Alencar Araripe, político e parlamentar, governou o Rio Grande do Sul de 04.04.1876 a 05.02.1877.

ALENCASTRE, Álvaro Otávio de, Biogr. (1875-1945) — Militar, jornalista e escritor santanense. Pseudônimo: Cel. Gouveia. Reformado como General. Obras principais: *Refugando o Sinuelo*, contos, P. Alegre, Globo, 1928; *Azores das Revoluções*, cenas da vida gaúcha, ib., 1929; *A Revolução de 30 e seus Aspectos Militares*, conferência, Bahia, Galdino Loureiro Ed., 1931; *O Rancho*, contos, ib., 1931; *O Regionalismo do Rio Grande do Sul*, estudo, Rio, Papelaria Velho, 1932; *A Revolução de 32 e seus Ensinos Militares*, ib., 1933 e *Fantasia... e Quadros Pampeanos*, ib., 1933.



Cidade de Rio Pardo: casa em que nasceu Alexandrino de Alencar.

ALENCASTRE, Mário Milton de, Biogr. Jornalista e escritor natural de Sant'Ana do Livramento, onde foi colaborador de vários órgãos de imprensa local, entre os quais *O Bricabraque*, *Falena* e *A Platéia*. Pseudônimos: Dado d'Alquim, Gulnare de Layde e Saul de Verne.

ALENCASTRE, Pedro Otávio de, Biogr. Jornalista e escritor, natural de Sant'Ana do Livramento. Tio de Álvaro Otávio de Alencastre. Resideu em Alegrete, onde foi redator do *O Alegretense*. Na cidade natal dirigiu *A Tarde* (1914), *Correio da Tarde* (1923). Publicou *Rancho Cabeda*, *In Memoriam*, Pelotas, Liv. Universitária, 1923.

ALENCASTRO, André Luiz, Biogr. Primeiro fotoletrista gaúcho. Iniciou-se profissionalmente em 1974 em agências de propaganda em Porto Alegre, onde também se aperfeiçoou em áreas de *Graphic Design* e da *Illustration*.

ALENCASTRO GUIMARÃES, Napoleão, Biogr. (1901-1967) — Militar e político natural de São Sebastião do Caí. Reformado no posto de General. Diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil. Senador (1950-1954), Ministro da Viação e Obras Públicas, a convite do presidente Getúlio Vargas. Ministro do Trabalho no governo Café Filho.

ALEMCASTRO GUIMARÃES, Sidney de, Biogr. *Marchand* e galerista porto-alegrense, grande incentivador das artes plásticas no Rio Grande do Sul.

ALEVANTE, S.m. Bot. (V. Manjerição-brabo).

ALEVIANADO (Part. de alevianar), Adj. (adgelgado). // Var.: alivianado. "Como todo carreiramento grande... gaúchos vêm em pingos *alivianados*." (Martins, Caminhos do Sul, p. 50).

ALEVIANAR (De *a* + *leviano* + *ar*, cf. o lat. *levare*. V.t.d. (V. Adelgaçar). "O sangue é da vida e a gente intê *se aleviana*..." (A. M. Tapera, 40). // Var.: alivianar. "Os fletes *alivianados*..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 111).

Do açude grande da frente
Aquela água era sua,
Para *alivianar* bagualada
E adonde, de madrugada,
Nadava em noites de lua!

Aureliano, Romances de Estância e Quebra-cabeça, p. 38.

ALEXANDRE-EM-PUNHO, S.m. Indivíduo de punho vira, avarento. Pl.: alexandres-em-punho.

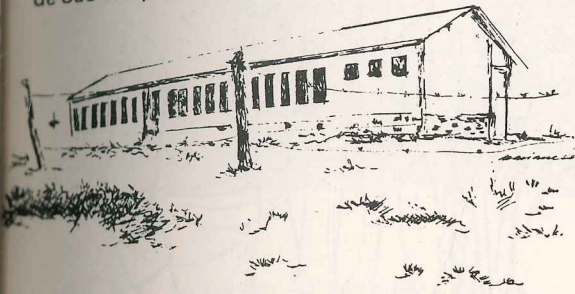
ALEXANDRES, Geogr. Povoado entre os arroios São Lourenço e Bateu (M. de Cruz Alta).

ALEXANDRINA (Flexão fem. do antropônimo *Alexandrino*), S.f. Folc. Chote tradicional recolhido por João Carlos D'Ávila Côrtes. Excelente o arranjo para acordeão feito por Person A. Fontes. "Cantei a laranjeira, a prenda-minha, a alexandrina..." (Odilon, Causos do João Maria, p. 55).

ALFAIA (Do ár. *al-hajã*), Hidrogr. Ribeiro afluente do Maratá, pela margem direita.

ALFAMA, Hidrogr. Arroio tributário do Caí, pela margem direita (M. de Montenegro).

ALFÂNDEGA (Do gr. *pandochelon*, através do ár. *al-funduqã*), Geogr. Localidade no distrito de São Roque (M. de Garibaldi).



Alfândega: escola estadual

ALFAVACA-DE-COBRA (Do ár. *al-Habãqã* e do lat. *colubra*), S.f. Bot. Planta da família das labiadas. Folhas ovais ou oval-elípticas, com diversas aplicações emolientes. Flores vermelhas, aromáticas, em espigas. Nasce espontaneamente nas paredes. (Parietaria officinalis L.). Pl.: alfavacas-de-cobra.

ALFAVACA-DO-CAMPO, S.f. Bot. Planta herbácea de propriedades estimulantes e sudoríferas, usada também contra as irregularidades menstruais (*Ruellia angustiflora* L.). Pl.: alfavacas-do-campo.

ALFERES-DA-BANDEIRA (Do ár. *al-fars*, cavaleiro e do gótico *bandwa*, sinal, pendão), S.m. Indivíduo que, nos peditórios do Divino, carregava o estandarte com o símbolo do Espírito Santo, integrando o grupo incumbido de recolher, durante as visitas, as espórtulas dos fiéis. "O *alferes-da-bandeira* vai na vanguarda." (Aquiles, À Beira do Caminho, p. 176).

ALFINETE¹ (ê) (Do ár. *al-khi-lãl*), S.m. Ictiol. Peixe marinho comum no Litoral Setentrional.

ALFINETE² (ê), S.m. Borbulha cutânea de origem sifilítica.

ALFREDO BRENNER¹ Geogr. Distrito na região do Alto Jacuí, pertencente anteriormente a Cruz Alta. Data da criação: 10.06.1955. Área territorial: 312,500 km² (M. de Ibirubá). População:

1980 2.165

ALFREDO BRENNER² Geogr. Vila entre afluentes do Ibirubá e do Jacuí-Mirim, sede do distrito de Alfredo Brenner. Nome anterior: Rincão Sefrin. // Ofício Distrital. Juizado de Paz. Sociedade Juventude Caminho do Amor. Escola Estadual de 1º Grau Alfredo Brenner. Clube de Mães Zeli Halwass.

ALFREDO-CHAVENSE, Adj. 2 gên. Relativo ou pertencente ao município de Alfredo Chaves, atual Veranópolis.

ALFREDO DE TOLEDO COSTA, Biogr. (V. Hafkemeyer, João Batista).

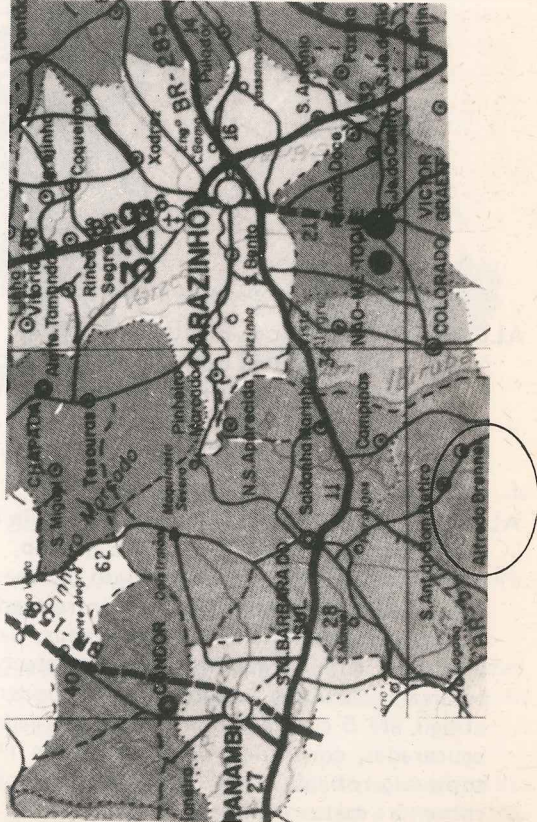
ALFREDO WESTPHALEN, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Palmeira das Missões).

ALGA-ARAME (Do lat. *alga* e *aeramen*), S.f. Bot. Planta avascular que o mar arroja às praias. Pl.: algas-arames ou algas-arames.

ALGARIADO (Part. de *algariar-se*), Adj. Inquieto; alvoroçado; excitado; possuído de grande agitação; desatinado. "Eu andava bem *algariada* com a doença da Santinha." (Athos, Menininha, p. 180).

Inda andava a morenada
 Nas festas da abolição,
 Bem louca, bem *algariada*,
 De sovaqueira manchada
 Das polcas-de-relação!

Balbino, A Estância de Dom Sarmento, 2a. ed., p. 38.



Alfredo Brenner: localização geográfica



Bandeira do Divino: desenho de Leonardo Menna Barreto Gomes (1964)

ALGARIAR-SE, V. pr. Excitar-se a ponto de perder o autocontrole; exacerbar-se; expandir-se ruidosamente; manifestar-se com grande veemência; desvairar-se. "A estas palavras, o mulherio *algariou-se*." (V. Pires, Querência, p. 129).

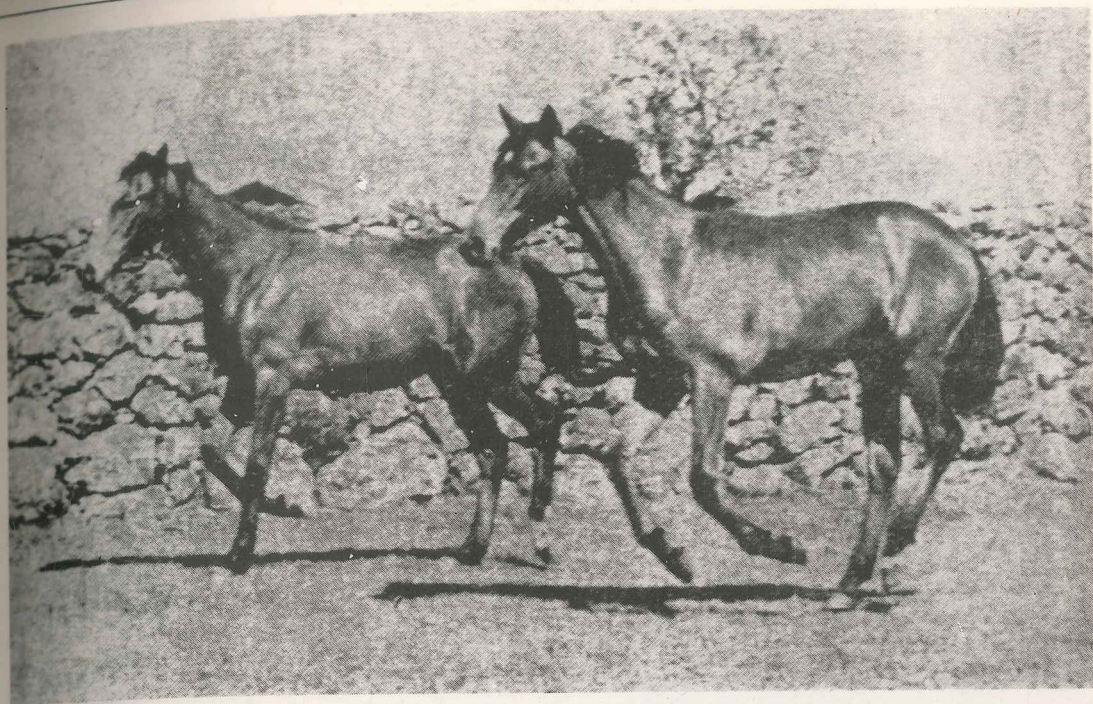
ALGAROBEIRA, S.f. Bot. Planta da família das mimosáceas, também chamada algarobo, comum nos parques espinhosos do Sudoeste. Copa horizontal. Ramos curtos, entrelaçados. Folhas persistentes. Folíolos pequenos. Casca escamosa com largo emprego nas afecções catarrais. Acúleos muito agudos, podendo atingir até 5 cm de comprimento. As vagens, açucaradas, constituem ótima forragem (*Prosopis algarobila* Griseb). "Demorou o olhar sobre a mata vizinha... a contemplar as caneleiras, as *algarobeiras*..." (Ramirez, Rio dos Pássaros, p. 16).

ALGAROBEIRA-PRETA, S.f. Bot. Árv. família das mimosáceas. Caule tortuoso, grosso, cinzento-avermelhado, escamoso, branco-amarelado, em forma de vagem, ra compacta, pesada, resistente (*Prosopis Hieron.*). Pl.: algarobeiras-pretas.

ALGAROBO (Do esp. amer. *algar-roboto*). Bot. (V. Algarobeira).

ALGIBE (Do ár. *al-jubb*, através do esp. S.m. Espécie de cisterna para acumular águas pluviais. "Parecido a guri arteiro, a roldana do *algibe*." (Cyro, A D Saladeiro, p. 129).

ALGON, Biogr. (V. Gonzaga, Alcides).



Animais crioulos

ALHADA, S.f. Embaraço; dificuldade; contra-tempo; acontecimento casual desagradável; acidente imprevisto; trabalho enfadonho; acesso repentino de doença. "Sem pouso certo, metido em *alhadas*, ora corrido, ora fugido, que nem bicho pesteadado." (Odilon, Causos do João Maria, p. 81).

ALHAMBRA, Biogr. (V. Miranda, José Fernando).

ALHO-SILVESTRE, S.m. Bot. Planta herbácea da família das liliáceas. Bulbo pequeno, vermífugo. Folhas radicais, lineares. Flores brancas, aromáticas, agrupadas em umbela (*Nothoscordum striatum* Kth.). Pl.: alhos-silvestres.

ALIANÇA (Do fr. *alliance*), Geogr. Localidade à margem direita do Turucu (M. de Pelotas).

ALIANCISTA, Adj. 2 gên. Pertencente ou relativo ao Clube Aliança, fundado na cidade de Getúlio Vargas em 05.05.1933; s. 2 gên. pessoa filiada a essa agremiação social.

ALICANTINA (Do esp. *alicantina*), S.f. Negócio fraudulento; ardil; intrujice; burla.

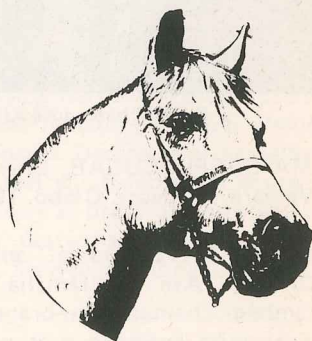
ALIGOTE, S.f. Nome de certa variedade vinífera, cultivada na Encosta Superior do Nordeste.

ALIJAR, (Do fr. *alléger*), V.t.d. Vomitar.

ALIMAL (Forma alterada de *animal*, por influência de *alimaria* usada, em sentido restrito, para designar exclusivamente o eqüino), S.m. "Vancê dá licença de campear os *alimais*?" (S.

Lopes, Contos Gauchescos, p. 140). "Ajuda-mos a desencilhar o *alimal* morto." (Simões Pires, Gado de Osso, p. 40).

ALIMALADA (De *alimal* + *ada*), S.f. Grande número de alimais. "Era a lembrança das suas tropeadas... dos cuidados da *alimalada*..." (Callage, Quero-Quero, p. 121).



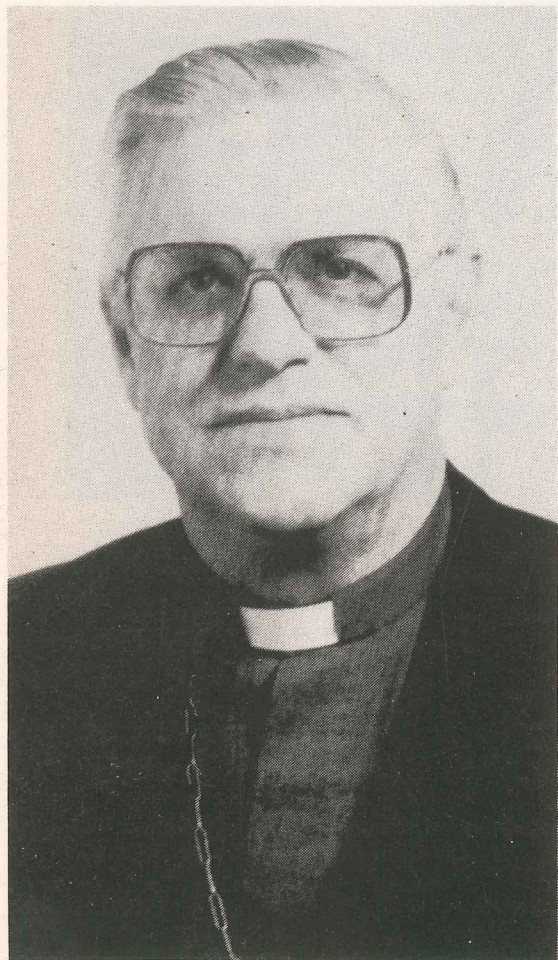
A. LINCOLN, Biogr. (V. MARTINS, João de Deus).

ALINHAVAR EM DOIS CREDOS, Loc. verb. Matar.

ALIVIADO (Part. de *aliviar*, cf. o lat. *alleviare*), Adj. Diz-se do campo com lotação abaixo da normal.

ALIVIÃO (Corrupt. de *alvião*), S.m. Instrumento de ferro, com duas pontas, para escavar (nas minas de carvão).

ALLGAYER, Urbano José, Biogr. Prelado católico lajeadense nascido em 1924. Data da ordenação sacerdotal: 10.12.1950. Data da sagração episcopal: 24.03.1974. Bispo auxiliar de Porto Alegre. Bispo de Passo Fundo desde 04.04.1982.



Dom Urbano José Allgayer

ALMA CREPUSCULAR, Liter. Versos de Pedro Vergara, P. Alegre, Globo, 1920.

ALMA-DE-GATO (Do lat. *anima* e *catus*), S.f. Ornitol. Ave da família dos cuculídeos, também chamada anu-branco, chincoã, cucu, guira-guira, pelincho, quiri-quiri, rabo-de-palha e urraca. Insetívora e rabilonga. Pés escansores. Bico amarelo. Topete arrepiado. Asas curtas. Uropígio branco e retrizes externas da mesma cor. Olhos vivos com o iris vermelho. Dorso castanho-avermelhado. Ninhos coletivos, longos e pontiagudos. Tem o dom de imitar outros pássaros e o seu canto é uma espécie de assobio: fifi, fifi, fifi... Consideram-na alguns de mau agouro Alimenta-se principalmente de gafanhotos e outros ortópteros. (Guira guira Gmel). Pl.: almas-de-gato. "Esse grito escandaloso, irritante, é de uma *alma-de-gato*." (Vergara, Figueira Velha, p. 147). "O chapéu já estava abarrotado de ovos de tico-tico, de *alma-de-gato*, de corruíras..." (S. Lopes, Contos Gauchescos, pp. 190-191).

ALMA-DORIS, Biogr. (V. Puggina, Eloah O... ra).

ALMA EM DELÍRIO, Liter. Romance de Pedro de Castro do Canto e Mello, S. Paulo, Ed. Pensamento, 1909.

ALMAS, Liter. Contos de Carmen Annes D. Prudente, P. Alegre, Globo, 1935.

ALMANJARRA (Var. de *almajarra*), S.f. Pedra de pau recurvo, adaptado à parte superior do pião, onde se jugem os bois (nas atafonas).

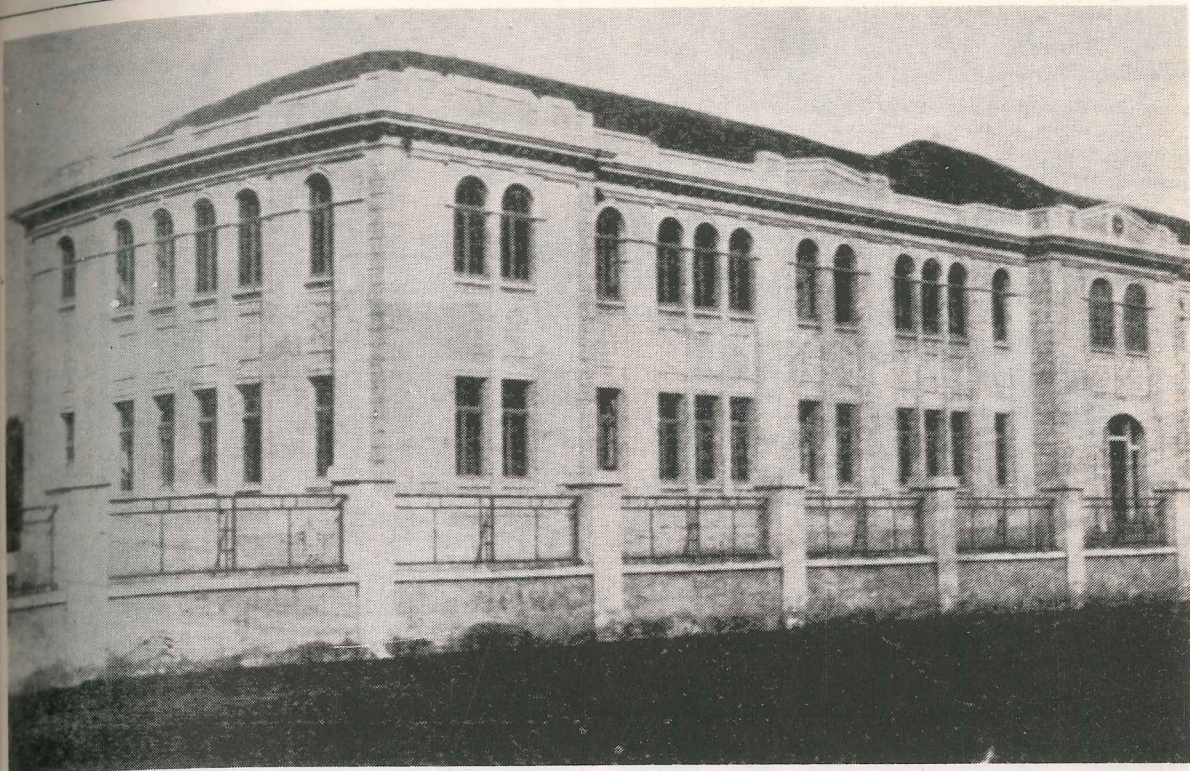
ALMAS PENADAS, Liter. Versos de Rui Cardoso Nunes, P. Alegre, Tip. do Centro, 1951.

ALMEIDA, Bibiano Francisco de, Biogr. (1822-1892) — Professor e escritor porto-alegrense. Assinatura usual: Bibiano de Almeida. Pseudônimo: Aulus Gellius. Grande mestre de latim, francês e retórica. Satirista, charadista, trocadilhista, amigo dos ditos facêtos, espírito visceralmente sardônico, epigramático, irrisível na chufa alegre e na observação histórica. Nacido em Rio Grande fundou o *Colégio Bibiano*, um dos mais credenciados educacionais da época. Autor de obras didáticas, entre as quais o *Compêndio de Gramática Portuguesa*, P. Alegre, Rodolfo José Machado Ed. 1880. *Escola Estadual de 1ª Grau Bibiano Almeida*: escola na cidade de Rio Grande subordinada à 5ª DE.

ALMEIDA CANTO, Onofre Pires de, Biogr. (1790-1844) — Ruralista e político porto-alegrense. Extraordinário vulto da Revolução dos Farrapos. Deputado à Assembléia Constituinte de Alegrete (1842). Onomásticos populares: Onofre Pires e Onofre.

ALMEIDA, Dali Lopes de, Biogr. (1896-1961) Veterinário e professor, natural de Rio Paranaíba. Diplomado pela Universidade de La Plata (Argentina). Catedrático da UFRGS. Autor de numerosos ensaios, entre os quais *Do Garrulo: Conceitos e Preconceitos*, Revista Agronomia, P. Alegre, Nº 32, 1940.

ALMEIDA, Domingos José de, Biogr. (1771-1871) — Ruralista, industrial e político mineiro, natural de Diamantina. Veio para Rio Grande muito moço, dedicando-se ao comércio de mulas. Autêntico *self made man*. Fundador de Uruguaiana. Em Pelotas fazendeiro e charqueador, impulsionando iniciativas de caráter econômico, social e cultural. Integrou a *Sociedade Harmonia Pelotense* organizada em 1856 por Carlos Von Koserow, Amaro José Ávila da Silveira e Serafim José Rodrigues de Araújo e a *Associação Literária* fundada em 08.02.1857 por José Vieira Cunha. Em 1858 lançou o jornal *Brado Sul*.



Escola Domingos José de Almeida na cidade de Uruguaiana

Figura proeminente do movimento farroupilha, por cujos ideais e postulados se bateu valorosamente, sem poupar esforços e haveres, fez parte do governo republicano independente instaurado pelos revolucionários, ocupando altos cargos por indicação de Bento Gonçalves da Silva, que o apreciava e o chamava carinhosamente de *general sem espada*.

Como charqueador, arrostando o ceticismo de muitos, quebrou arraigados preconceitos, importando vapores e equipamentos modernos, contribuindo para o aumento da renda, capitalização, expansão e melhoria técnica do setor.

Deputado à 1ª Assembléia Provincial, instalada em 20.04.1835.

ALMEIDA, João Araújo de, Biogr. Escritor e jornalista alegretense, nascido em 1926. Assinatura usual: J. A. Pio de Almeida. Obras principais: *Rosas de Sangue*, Uruguaiana, tip. Minerva, 1953 e *Claves da Harpa e do Vento*, Sant'Ana do Livramento, Gráfica Brisola, 1966, ambas no gênero poético.

ALMEIDA, João Pereira de, Biogr. (1830-1897) – Ruralista e político santa-mariense, Barão de Nonoai. **Bibliogr.** Aquiles Porto Alegre, *Vultos e Fatos do Rio Grande do Sul*, P. Alegre, Globo, 1919.

ALMEIDA, João Pio de, Biogr. (1896–1966) – Advogado, jornalista e escritor uruguaiense. Autor de *Pareceres*, P. Alegre, Globo, 1923; *Borges de Medeiros – Subsídios para o Estudo*

de sua Vida e sua Obra P. Alegre, Júlio Dias Allende Editor, 1928 e outros ensaios de caráter jurídico e histórico.

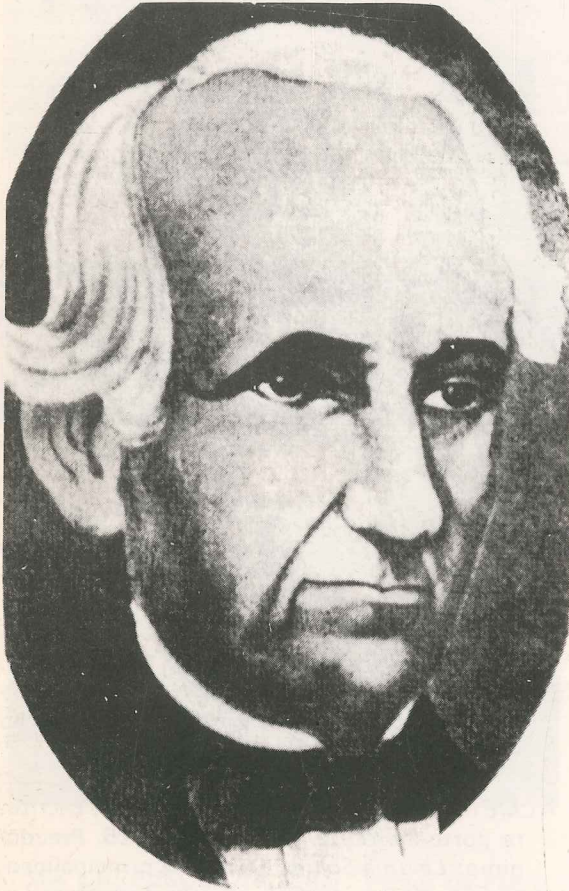
ALMEIDA, José Ribeiro de, Biogr. (1788-1839) – Oficial miliciano e ruralista cachoeirense. Filho de Manoel Ribeiro de Almeida. Participou das lutas cisplatinas e da Revolução Farroupilha como Coronel de Legião.

ALMEIDA, Maria Ignês Barros de, Biogr. Escritora porto-alegrense, nascida em 1925. Pseudônimo: *Lavínia Soares*. Dedicou-se principalmente ao gênero teatral, como dramaturga e comediógrafa. Entre as peças que escreveu e já levadas à cena destaca-se *O Diabo Cospe Vermelho*, Rio, Serviço Nacional do Teatro, 1959.

ALMEIDA, Marino Josetti de, Biogr. (1886-1957) – Jornalista e escritor triunfense. Autor de *Homens e Fatos de Triunfo na Revolução Farroupilha*, P. Alegre, Globo, 1936 e outros trabalhos.

ALMEIDA, Maximiliano Moojen de, Biogr. (1876-1954) – Agrimensor, político e escritor lagoense. Líder do Partido Republicano Castilhista em vários municípios. Combateu os insurretos em 1923. // Maximiliano era filho do Coronel Tristão José de Almeida e Maria Luiza Moojen, primogênita de João Jorge Moojen (1814-1885), médico britânico, nascido em Londres e tronco da família Moojen no estado.

ALMEIDA, Pedro José de, Biogr. (1799-1850) — Farmacêutico prático, político e jornalista porto-alegrense. Liberal exaltado, *persona non grata* dos monarquistas, dono de temível vis cástica, que lhe valeu o apodo pejorativo de *Vaca Braba*. Já famoso como *Pedro Boticário* — epíteto de que, aliás, se envaidecia, fez circular em novembro de 1833 o semanário *A Idade do Pau*, de feição panfletária, não poupando diatribes aos adeptos do incipiente Partido Conservador, revelando-se foliculário



Domingos José de Almeida

audacioso, doestador implacável. Deputado à 1ª Assembléia Provincial instalada em 20.04.1835.

Manteve acirrados debates com *O Inflexível* que, não lhe perdoando o descomediamento da linguagem e os defeitos físicos, freqüentemente o alfinetava com versos deste jaez, cheios de acritude:

Não temos lá no inferno lagartixa
De mais nojo e fedor que esse maldito.
Na porta da botica baixa e escura,
Vomita só furor o sanguinário
Que um Bertoldo parece na figura!

ALMEIDA, Piratinino de, Biogr. Advogado, jornalista e político natural de Pelotas, onde foi redator e um dos fundadores da *A Discussão*, surgida em 08.01.1882.



João Jorge Moojen

ALMEIDA TORRES, José Carlos Pereira Biogr. (1799-1856) — Advogado, jur político e magistrado fluminense, Visconde Macaé. Governou o Rio Grande do interinamente em 1831, revelando-se admtador cauteloso, conciliador, eqüidistante facções em conflito.

ALMEIDA, Waldemar Silva de, Biogr. (1818-1949) — Escritor porto-alegrense. Assina usual: Waldemar de Almeida. publicou: *Santos*, P. Alegre, Globo, 1926; *A Obra Psiquiátrica de Afrânio Peixoto*, Rio, Tip. do Jornal Comércio, 1940 e *Recordações do P. Martins Fontes*, ib., 1949.

ALMEIDENSE, Adj. 2 gên. De Maximiliano Almeida; s. 2 gên. o natural ou habitante do município.

ALMIDOM (Do fr. *amidon*, que deu também esp. *almidón* e o it. *amido*), S.m. Na vulgarmente dado ao polvilho.

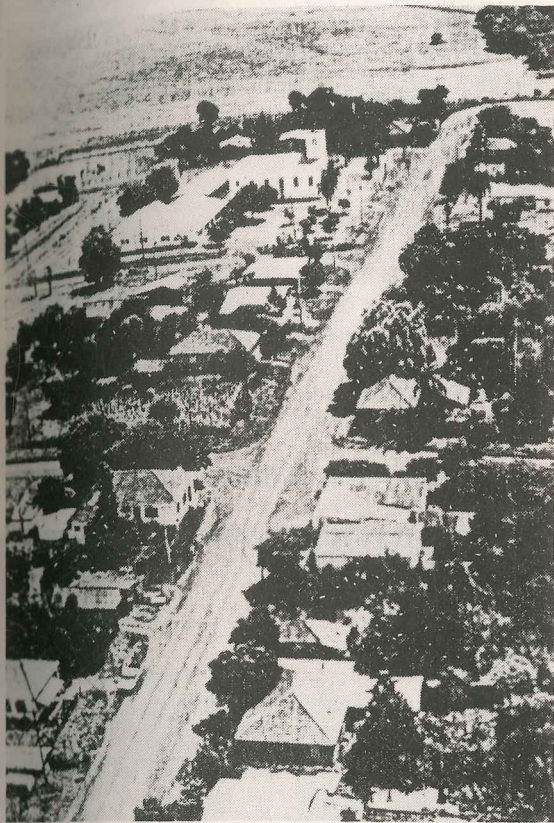
ALMIRANTE TAMANDARÉ¹, Biogr. (V. Almirante Tamandaré, Joaquim).

ALMIRANTE TAMANDARÉ², Geogr. Dist. no Planalto Médio, pertencente anteriormente a Passo Fundo. Data da criação: 14.07.1961. Área territorial: 315 Km². Povoados pr



país: Linha Divisa² e Linha Vitória (M. de Carazinho). População:
1980 2.270

ALMIRANTE TAMANDARÉ³, Geogr. Vila junto a um tributário do Ati-Açu, sede do distrito de Almirante Tamandaré. Nomes anteriores: Tamandaré e Ati-Açu.



Almirante Tamandaré: um aspecto da vila

ALMOÇO (Contr. de *almoçar* + *o*, cf. o lat. *admordere*, principiar a comer), Hidrogr. Córrego caudatário do Itaquetá, pela margem esquerda. Ponte de 28,00 metros na rodovia Rio Pardo — Santa Cruz do Sul. // O acordo de 1971 aboliu o acento nas formas de idêntica grafia, mas a pronúncia diferente, ressaltando apenas o caso de *pôde*, do verbo poder.

ALMUDE (Do ár. *al-mudd*), S.m. Medida de capacidade para líquidos, principalmente para vinhos, equivalente a 16 ou 25 litros.

A LO BRUTO, Loc. adv. (V. A la bruta).

Cuia morena, queimada,
Confeccionada *a lo bruto*,
Rude cálice matuto,
De amargentas comunhões...

Apparício, Cantigas do Tempo Velho, p. 39.

A lo bruto: conto de Roque Callage, Quero-Quero, 2a. ed. p. 43.

ALOBUNADO (De *a* + *lobuno* + *ado*), Adj. Um tanto da cor do lobuno; semelhante à pelagem lobuna; que é tirante a lobuno.

A LO CARRETEIRO, Loc. adv. De qualquer jeito, displicentemente (o arremesso do osso, no jogo da tava.)

A LO FARRUSCO, Interj. Exprime surpresa, admiração ou estarecimento. "*A lo farrusco*, envido o truço! Pelas suas, compaheiro..." (Duncan, Paisagem Xucra, p. 15).

A LO GRANDE, Loc. adv. (V. A la grande). "Gaúchos solicitavam-lhe que floresse *a lo grande*..." (Wayne, Charqueada, 103). "Ganhou plata *a lo grande*." (Callage, Quero-Quero, p. 73). "Dos homens em descanso, uns jogavam cartas, outros a taba na sala de terra batida e todos entravam na canha *a lo grande*." (Acauan, Ronda Charrua, p. 53).

A dor pisa o coração,
A canha esquenta a cabeça.
Eu soffro e bebo *a lo grande*
Para que de vez pereça!

ALOITAR (Corrupt, de lutar, cf. o lat. *luctare*), V. int. Brigar; combater; pelear. "Eram então três crioulos forçados *aloitando* e rolando pelo pasto..." (Reynaldo, Romance do Rio Grande, p. 65).

A LO JOAQUIM, Loc. adv. Brutalmente; à força; com rispidez ou por atos arbitrários; violentamente.

A LO LARGO, Loc. adv. Com o tempo; espaçadamente; com vagar. "Numa outra cruzada, com mais tempo, eu venho matear *a lo largo*..." (Lessa, História do Chimarrão, p. 84). "Entreverava os maulas e sotretas com guapos e destorcidos, de modo que *a lo largo* os trabalhos rendiam..." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 129).

A lo largo os dois pegavam o tenteio
E daí por diante era na certa uma clavada-sorte!
Ibarra, Canção do Sul, p. 45.

A lo largo não me escapas
Não te livras do meu pialo!
Carvalho, Minha Estância, p. 59.

Eu já passava *a lo largo*
Nas bandas de Uruguiana,
Pra não dar a certas moças
O meu couro pra badana!

A LO LÉU, Loc. adv. Ao acaso; atoamente; ao capricho ou sabor de; sem destino.

Como índio que anda vago
Roteando sempre *a lo léu*,
Foste um pedaço de céu

Nos fandangos da querência!

Ribeiro, Tronqueira de Guajuvira, p. 49.

Soltou as rédeas do pingo
e foi andando *a lo léu*,
sentindo que um negro véu
lhe apagava a luz da vida!

Dimas, Caminhos do Pago, p. 40.

A LO LINDO, Loc. adv. Lindamente; de maneira galharda; aiosamente. "Serviço brabo que nada... no meu tempo é que se lidava *a lo lindo!*" (Fattori, Campo Solitário, p. 14).

A LO LOUCO, Loc. adv. Insensatamente; irrefletidamente; de modo desatinado ou estouvado.

A LO MAIS, Loc. adv. Além de tudo; ainda por cima; de mais a mais. "*A lo mais* sabe soffrenar corações, o cuera!" (Fernando, Juca Pedroso, p. 54).

Era um famoso aporreado
Meio-salgo, salmilhado,
E *a lo mais* já respeitado
De domadores de lei!

Aureliano, Romances de Estância e Querência, p. 40.

A LO MANSO, Loc. adv. Calmamente; mansamente; devagar; sem pressa; com calma ou blandícia; o mesmo que no manso. "Isso é gente buena prá lamúria. Vem *a lo manso*, chorando..." (Severo, Visão do Pampa, p. 132).

A LO MENOS, Loc. adv. No mínimo; pelo menos.

Epa! amigo despacito
Não é reiúno o potreiro
Nem de viúva o que encerra!
Hai dono pra quem se dê
Um Deus te salve! — *a lo menos!*

Juca Ruivo, Tradição, p. 69.

ALOPRADO, Adj. Desajuizado; destabocado; adoidado (nos modos, no falar etc.); amalucado.

ALOTADOR (ô), S.m. Nome que se dava outrora ao reprodutor da manada. **Bibliogr.** Apolinário Porto Alegre, *Popularium Sul-Rio-Grandense*, Revista do IHG/RS, P. Alegre, Ano 1, 3º Trim., 1921.

ALOYS FRIEDERICHS, Jacob, Biogr. (1868-1950) — Marmorista e escultor em pedra grés. Alemão nascido na região do Reno. Aos dezesseis anos radicou-se em Porto Alegre, demonstrando, ainda como aprendiz, raras aptidões artísticas. aprimoradas na oficina Bins & Friederichs, fundada em 01.02.1891

ALPEDO (ê), Loc. adv. À toa; em vão; ociosamente; ao léu; ao sabor das circunstâncias; sem

rumo certo; a esmo; ao acaso; o mesmo alpedro e alpero.

Depois de um banho ligeiro
E o churrasco costumeiro,
Com vinho bom e canguara,
A indiada ficou *alpedo*...

M. Pereira Fortes, A Marcação, p. 129.

Sabem amigos, aqueles!
o que é a alegria bruta
de jogar a vida *alpedo*
numa carga de vanguarda!

Aureliano, Romances de Estância e Querência, p. 77.

Quando o assunto é carreira
tudo deve ser segredo.

Não se fala nada *alpedo*
sobre tempo ou compostura.

Colmar Duarte, Cancha Reta, p. 150.

ALPEDRO, Loc. adv. (V. Alpedro).

ALPERO, Loc. adv. (V. Alpedro). "Era cabo destorcido, não proseava *alpero*." (V. P. Querência, p. 140).



J. Aloys Friederichs



Alpestre: localização geográfica

ALPESTRE¹ (Do it. *alpestre*), Geogr. Município do Alto Uruguai. Data da criação: 25.10.1963. Área territorial: 344 km². Padroeiro: São Francisco de Assis. População:

1960	11.068
1970	13.497
1980	15.308
1985	17.080

7.320 eleitores em 1986. Região acidentada, coberta outrora de matas compactas. O que impressiona desde logo são últimos rebordos do planalto basáltico. Extração de erva-mate, madeiras e pedras semipreciosas. Grandes lavouras de milho e feijão. Policultura desenvolvida.

ALPESTRE² Geogr. Cidade tipicamente linear, paralela ao arroio Grande³, sede do município de Alpestre. Nome anterior: Gramado. População:

1960	3.999
1970	4.999
1980	6.073

Sociedade Educacional, Cultural e Assistencial Assis Brasil. Hospital Nossa Senhora de Fátima. Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Escolas Estaduais de 1º Grau Carlos Noetzold e Tomé de Souza. Conselho Comunitário Pró-Segurança Pública (CONSEPRO), fundado em 16.01.1985. Núcleo de Voluntariado da LBA. Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Alpestre (CONDECAL), fundado em 28.08.1986. Sociedade Médica Alpestre Ltda. Posto de Saúde. Inspetoria Veterinária.



Tomé de Souza



Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Agricultura e Abastecimento

EMATER-RS

ALPESTRENSE, Adj. 2 gên. De Alpestre; s. 2 gên. o natural ou habitante desse município.

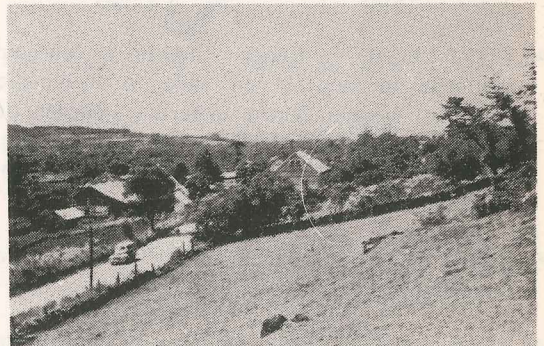
ALPISTE-MIÚDO, S.m. Bot. Erva vigorosa, subespontânea, boa fornecedora de pasto, pertencente à família das gramíneas. Flores agrupadas em espiguihas amareladas (*Phalaris intermedia* Bosc.). Pl.: alpistes-miúdos.

ALPOIM, José Fernandes Pinto, Biogr. (1698-1770) – Engenheiro militar português, nascido na Colônia do Sacramento. Assessor de Gomes Freire de Andrade no Rio Grande do Sul, que percorreu demoradamente, participando da Guerra das Missões (1752-1758). Amigo do poeta José Basílio da Gama, que o cita, em termos elogiosos, no poema antijesuítico *Uruguai*.

ALPOX – Sigla da Destilaria de Álcool Porto Xavier S/A, investimento de mais de Cr\$ 200 milhões, primeira usina no gênero no interior do Rio Grande do Sul, inaugurada em 27.09.1987.

ALQUEIRE GAÚCHO, Expr. Medida de superfície equivalente a 24.200 m².

ALTA FELIZ, Geogr. Povoado no 1º distrito, também chamado Alto da Feliz. Paróquia em 27.05.1881. Nome anterior: Santo Inácio da Feliz (M. de Feliz). // Poucos quilômetros adiante de Alta Feliz começam a aparecer os parreirais que caracterizam a Região Colonial Italiana.



Alta Feliz

ALTAMISA, S.f. Bot. Arbusto da família da carduáceas, freqüente nos prados arenosos do Litoral. Folhas sésseis. Flores dispostas em capítulos racimosos. (*Baccharis artemisioide* HK e Arn.).

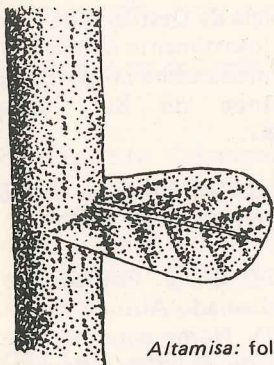
ALTANADO (Da raiz *alto*, cf. o lat. *altu*), Adj Soberbo; altivo; arrogante; desabusado; pun donoroso; brioso; orgulhoso.

Dos filhos que meu pai teve
 Eu sou o mais *altanado*.
 Para amar moças bonitas
 Eu não me faço de rogado!

ALTÉIA (Do gr. *althaia* através do lat. *althea*),
 S.f. Bot. Planta da família das malváceas. Raiz
 de odor adocicado e largo emprego medicinal.

ALTO (Do lat. *altu*), S.m. Qualquer relevo ou
 lugar proeminente (no campo). "As pontas de
 gado apareciam nos *altos*, buscando o ar mais
 fresco." (Simões Pires, Gado de Osso, 31).
 "Com o calor o gado andava em pontas pelos
altos..." (Darcy, No Galpão, 3a. ed., p. 88). "A
 mutuca atropelava nas canhadas e repontava o
 gado para os *altos*." (Echenique, Fagulhas do
 meu Isqueiro, p. 176). "A venda ficava a mais
 de vinte quadras do *alto*." (Martins, Caminhos
 do Sul, p. 180).

ALTO AÇOITA-CAVALO, Geogr. Povoado no
 distrito de Esperança (M. de Três Passos).



Altamisa: folha séssil

ALTO ALEGRE¹, Geogr. Município do Planalto
 Médio. Data da criação: 02.12.1987. Área
 territorial: 185 km². População estimada:
 1988 4.090

ALTO ALEGRE², Geogr. Cidade à margem
 esquerda do Jacuí-Mirim, sede do município
 de Alto Alegre. Nome anterior: Borges de
 Medeiros. // Escola Municipal de 1º Grau Inc.
 Barão Homem de Mello, com Grêmio Estuda-
 til Érico Veríssimo.

ALTO ALEGRE³, Geogr. Subdistrito na Serra do
 Sudeste (M. de Encruzilhada do Sul).

ALTO ALEGRE⁴, Geogr. Distrito na Encosta do
 Sudeste. Data da criação: 27.12.1960 (M. de
 Pedro Osório). População:
 1980 595

ALTO ALEGRE⁵, Geogr. Vila sede do distrito de
 Alto Alegre⁴.

ALTO ALEGRE⁶, Geogr. Localidade no Alto
 Uruguai (M. de Tenente Portela). // Sociedade
 de Damas As Vencedoras, fundada em
 07.09.1976. Escola Municipal de 1º Grau Inc.
 Marcílio Dias.



Alto Alegre¹: localização geográfica

ALTO ALEGRE⁷, Geogr. Povoado no Alto
 Uruguai (M. de Frederico Westphalen).

ALTO ALEGRE⁸, Geogr. Localidade no Alto
 Uruguai (M. de São Valentim). // Escola
 Municipal de 1º Grau Inc. Carlos Gomes.



Carlos Gomes

ALTO ALEGRE⁹, Geogr. Localidade no
 subdistrito (M. de Canguçu). // Escola
 Nacional, fundado em 02.03.1986.

ALTO ALEGRE¹⁰, Geogr. Povoação no Alto
 Uruguai (M. de Ipiranga do Sul). // Escola
 Estadual de 1º Grau Inc. Felipe Camarão.



Felipe Camarão

ALTO ALEGRE¹¹, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Alpestre).

ALTO ALEGRE¹², Geogr. Povoação no 1º distrito (M. de São Francisco de Assis).

ALTO ARAGUARI, Geogr. Povoação no distrito de Canudos (M. de Lajeado). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Olavo Bilac.



Olavo Bilac

ALTO BAIXA GRANDE, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santo Antonio da Patrulha).

ALTO BARREIRO, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Tenente Portela).

ALTO BARRINHA, Geogr. Lugar no Alto Uruguai (M. de Nonoai). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Benjamin Constant.

ALTO BIGUÁ¹, Geogr. Distrito no Alto Uruguai (M. de Alecrim).

ALTO BIGUÁ², Geogr. Vila, sede do distrito de Alto Biguá. // Sociedade Religiosa e Recreativa São Roque. Clube de Mães N. Sra. Aparecida, fundado em 30.10.1987 sob a presidência de Nair Hahn.

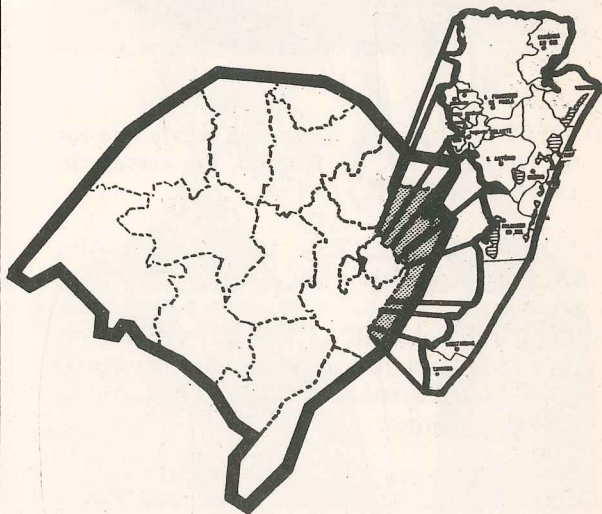
ALTO CACONDE, Geogr. Povoação na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santo Antonio da Patrulha). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. São Sebastião.

ALTO CALISTRO, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Tenente Portela). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Chave de Ouro.

ALTO CAMAQUÃ, Geogr. Vale superior do rio Camaquã e microrregião do estado do Rio Grande do Sul.

Microrregiões do estado do Rio Grande do Sul:

- 1 – Porto Alegre
- 2 – Colonial da Encosta da S. Geral
- 3 – Litoral Setentrional
- 4 – Vinicultura de Caxias do Sul
- 5 – Colonial do Alto Taquari
- 6 – Colonial do Baixo Taquari
- 7 – Fumicultora Santa Cruz do Sul
- 8 – Vale do Jacuí
- 9 – Santa Maria
- 10 – Lagoa dos Patos
- 11 – Lit. Oriental da Lagoa dos Patos
- 12 – Lagoa Mirim
- 13 – Alto Camaquã
- 14 – Campanha
- 15 – Triticultora de Cruz Alta
- 16 – Colonial das Missões
- 17 – Colonial de Santa Rosa
- 18 – Colonial de Iraí
- 19 – Colonial de Erechim
- 20 – Colonial de Ijuí
- 21 – Passo Fundo
- 22 – Colonial do Alto Jacuí
- 23 – Soledade
- 24 – Campos de Vacaria



Litoral Setentrional – Croqui do Jornal Zero Hora

ALTO CARAÁ, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santo Antonio da Patrulha).

ALTO CASTELHANO, Geogr. Lugarejo no 7º distrito (M. de Santa Cruz do Sul). // Escola Estadual de 1º Grau Inc. Willibaldo Michel.

ALTO CHALANA, Geogr. Lugar no Alto Uruguai (M. de Nonoai). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. São Tomás de Aquino.

ALTO CHAPADA, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santo Antonio da Patrulha). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. D. João VI.

ALTO CONVENTOS, Geogr. Localidade no distrito de Canudos (M. de Lajeado). // Grupo de Jovens Harmonia, fundado em 02.06.1982.



D. João VI

ALTO CORVO, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Estrela). // Associação Escolar Ano Bom.

ALTO CRICIUMAL, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Criciumal).

ALTO DA BELA VISTA¹, Geogr. Povoação no distrito de Derrubadas (M. de Tenente Portela). // Escola Estadual de 1º Grau Inc. Vinte e Três de Setembro.

ALTO DA BELA VISTA², Geogr. Lugar na Encosta Superior do Nordeste (M. de Fagundes Varela).

ALTO DA CRUZ, Geogr. Localidade na Serra do Sudeste (M. de Canguçu). // Subposto de Saúde.

ALTO DA PEDREIRA, Geogr. Lugar no subdistrito (M. de Canguçu). // Associação Zeladores de Santo Antonio, fundada em 27.06.1987.

ALTO DA RONDINHA, Geogr. Povoado no distrito (M. de Encruzilhada do Sul).

ALTO DA SERRA¹, Geogr. Lugar no Planalto Médio (M. de Soledade). // Sociedade Damas União Gaúcha.

ALTO DA SERRA², Geogr. Povoado nos Campos de Cima da Serra (M. de Vacaria).

ALTO DATA, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santo Antonio da Patrulha).

ALTO DA UNIÃO¹, Geogr. Distrito no Planalto Médio. Data da criação: 27.09.1984 (M. de Ijuí).

ALTO DA UNIÃO², Geogr. Vila servida pela ferrovia Cruz Alta-Giruá, sede do distrito Alto da União. // Companhia Riograndense Telecomunicações.



Alto da Bela Vista²



Alto da União: localização geográfica

ALTO DIAMANTINA, Geogr. Povoação no 1º distrito (M. de Três Passos).

ALTO DO IBICUÁ, Geogr. Localidade no distrito de Colônia Vitória (M. de Santo Ângelo).

ALTO DO POSTO, Geogr. Localidade na Depressão Central (M. de São Sepé). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Camerino Corrêa.

ALTO DO RIO DE DENTRO, Geogr. Lugar na região do Litoral (M. de Torres).

ALTO DO RIO DO TERRA, Geogr. Lugar no distrito de Morro Azul (M. de Três Cachoeiras).

ALTO ERVAL NOVO, Geogr. Localidade no 1º distrito (M. de Três Passos). // Liga de Senhoras Congregacionais, fundada em 20.10.1985.

ALTO FERRAZ, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Vera Cruz). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. São Jacó.

ALTO GRANDE, Orogr. Morro com aproximadamente 900 m de altitude no distrito de Clemente Argolo (M. de Lagoa Vermelha).

ALTO GROTA, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santo Antonio da Patrulha).

ALTO HONORATO, Geogr. Povoado na Encosta Inferior do Nordeste, próximo ao arroio Honorato (M. de Progresso).

ALTO JACAREZINHO, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Nova Brésia).

ALTO-JACUIENSE, Adj. 2 gên. Pertencente ou relativo ao Alto Jacuí; s. 2 gên. o natural ou habitante dessa parte do estado.



Alto Ferraz: Escola Municipal de 1º Grau Inc. São Jacó

ALTO LAJEADINHO, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santo Antonio da Patrulha). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. José Bonifácio.



José Bonifácio

ALTO LAJEADO, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santo Antonio da Patrulha).

ALTO LAJEADO AZUL, Geogr. Localidade no distrito de Daltro Filho (M. de Tenente Portela). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Cristo Rei, com Círculo de Pais e Mestres fundado em 21.05.1986.

ALTO MOLINA, Geogr. Localidade no Alto Uruguai (M. de Três Passos). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Castro Alves.

ALTO MORCEGO, Geogr. Lugar no Alto Uruguai (M. de Alecrim). // Sociedade Escolar e Recreativa Princesa Isabel.

ALTO PADRE ETERNO, Geogr. Localidade no 3º distrito (M. de Dois Irmãos).



Princesa Isabel

ALTO PALMAS, Geogr. Povoação na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Arroio do Meio).

ALTO PARAISO, Geogr. Lugar no Alto Uruguai (M. de Constantina).

ALTO PAREDÃO¹, Geogr. Distrito na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santa Cruz do Sul).

ALTO PAREDÃO², Geogr. Vila, sede do distrito de idêntica denominação. // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Dr. Décio Martins Costa. Sociedade Recreativa União Santa Catarina, fundada em 21.03.1987.

ALTO PASSA SETE¹, Geogr. Localidade no 1º distrito (M. de Sobradinho).

ALTO PASSA SETE², Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Candelária).

ALTO PEDRA BRANCA, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santo Antonio da Patrulha).

ALTO PICADA SERRA, Geogr. Localidade no distrito de Fão (M. de Lajeado). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Marcílio Dias.

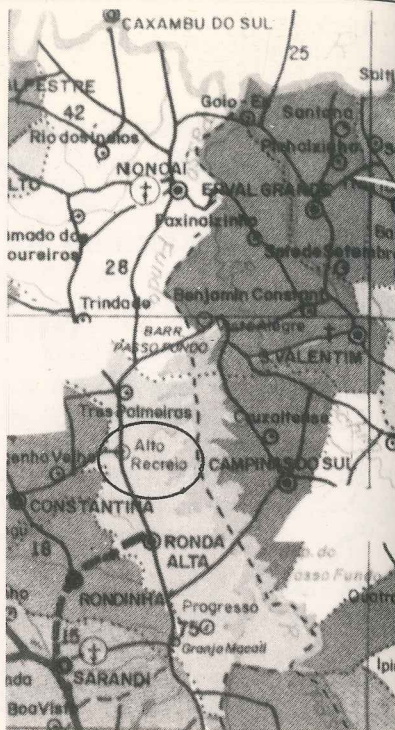
ALTO RECREIO¹, Geogr. Distrito no Alto Uruguai. Data de criação: 15.12.1975 (M. de Ronda Alta). População:
1980 2.264

ALTO RECREIO², Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome.

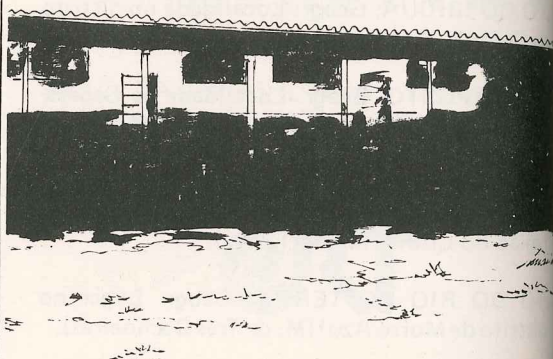
ALTO RIO DO MEIO, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santo Antonio da Patrulha). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Casimiro de Abreu.

ALTO RIO PARDINHO, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste, com cascata de 50 metros de altura, em meio à mata virgem (M. de Santa Cruz do Sul).

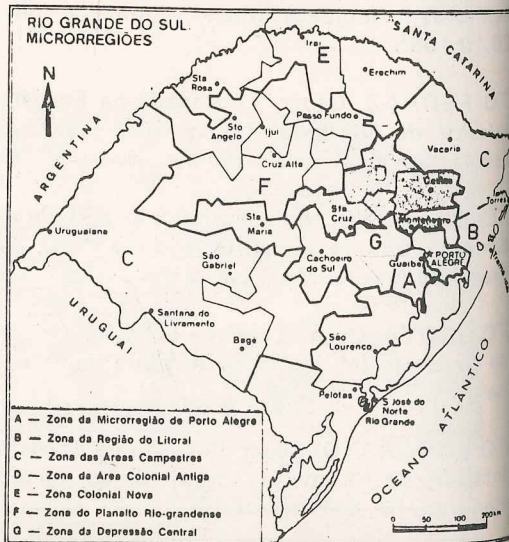
ALTO RIOZINHO, Geogr. Povoado próximo ao arroio do mesmo nome (M. de Riozinho).



Alto Recreio¹: localização geográfica.



Escola Estadual de Alto Recreio com três salas de aula, cozinha e área coberta



Zona da Área Colonial Antiga, da qual faz parte a microrregião denominada Colonial do Alto Taquari

ALTO ROLANTE, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Riozinho). // Comunidade Evangélica Luterana São Paulo.

ALTO ROLANTINHO, Geogr. Povoação na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santo Antonio da Patrulha). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Santa Teresinha.

ALTO SAMPAIO, Geogr. Localidade no distrito de Sério (M. de Lajeado). // Esporte Clube Onze Unidos, fundado em 10.12.1983.

ALTO SERTÃO, Geogr. Lugar na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santo Antonio da Patrulha). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. São João Batista de La Salle.

ALTO SINIMBU, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Santa Cruz do Sul). // Escola Municipal de 1º Grau Inc. Santos Dumont.



Santos Dumont

ALTO TAQUARI, Geogr. Nome dado ao vale superior do rio Taquari.

ALTO TRAVESSA, Geogr. Localidade na Encosta Inferior do Nordeste (M. de Venâncio Aires). // Sociedade Esportiva Alto Travessa.

ALTO TROMBUDO, Geogr. Povoado no distrito de Trombudo (M. de Santa Cruz do Sul). // Comunidade Evangélica. Comunidade de Santo Antonio, fundada em 26.02.1930 pelo padre jesuíta Francisco Xavier Riederer.

ALTO TUCANOS, Geogr. Povoado no 1º distrito, próximo ao arroio Tucanos (M. de Taquara).

ALTO UNIÃO, Geogr. Localidade no distrito de Tiradentes (M. de Três Passos).

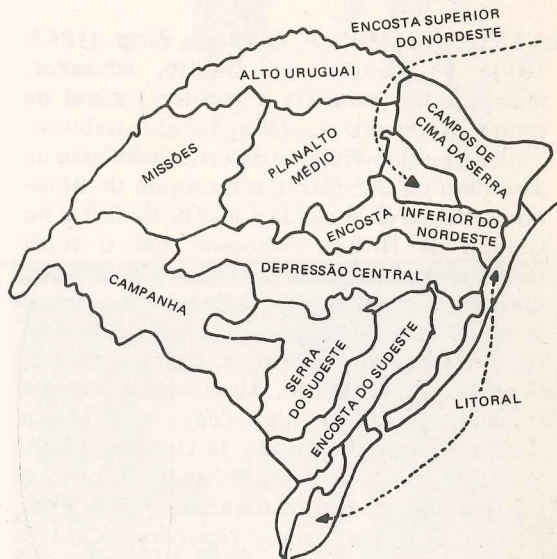
ALTO URUGUAI¹, Geogr. Distrito no Alto Uruguai, pertencente anteriormente a Palmeira das Missões. Data da criação: 29.06.1933 (M. de Três Passos). População:

1960 5.044

1980 5.597

ALTO URUGUAI², Geogr. Vila à margem esquerda do Uruguai, sede do distrito de Alto Uruguai. // A vila data de 1879 quando foi criada, pelo Barão São Jacob, a Colônia Alto Uruguai no lugar denominado Passo Grande.

ALTO URUGUAI³ Geogr. Região fisiográfica no extremo-norte do estado. Compõe-se de importantes municípios, entre os quais sobrelevam os de Erechim, Frederico Westphalen, Sarandi, Giruá, Palmeira das Missões, Santa Rosa, Três de Maio e Três Passos. *Boulders* de decomposição do granito, maciços cristalinos, rochas trapeanas. Clima tropical amenizado pela altitude e pelos ventos. Boa rede fluvial, responsável por alterosos, altiplanos escarpados e contrafortes secundários, amplamente recortados. Grande escarpa diabásica nos limites de Santa Catarina. **Bibliogr.** P. Balduino Rambo, *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*, 2a. ed., P. Alegre, Imprensa Oficial, 1942; Amyr Borges Fortes, *Geografia Física do Rio Grande do Sul*, P. Alegre, Globo, 1959.



ALUMIAR A COLA NA MACEGA, Loc. verb. (V. Macega).

A. LUZ, Biogr. (V. Ferreira da Luz, Francisco Antunes).

ALVARES, Sylvia Santol, Biogr. Escritora portoalegrense. Autora de *Rimas Coloridas*, com ilustrações de Nicholas Derhan, Rio, Nova Fronteira, 1987.

ALVAREZ, Carlos Gusmão, Biogr. Jornalista. Em 1922, em Porto Alegre, fundou a *Revista do Mês*.

ALVAREZ, Hector, Biogr. (1880-1942) — Jornalista e escritor santanense. Publicou *Viagem ao Passado*, versos, Rio, 1956, e trabalhos avulsos em prosa.

ALVAREZ, Pedro Arbués, Biogr. (1865-1908) — Jornalista e escritor santanense. Autor de *As Santanenses*, poliantéia, Sant'Ana do Livramento, Liv. Guarani, 1888 e *Magnólias*, versos (1895). Na cidade natal redigiu o *Oito de Julho*, *O Ocidente* e outros periódicos.

ÁLVARO¹, Biogr. (V. Moreira da Silva, João).

ÁLVARO², Biogr. (V. Santos, João Adolfo dos).

ALVAS, Liter. Versos de Érico dos Santos, com prefácio de João Fanfa Ribas, Rio Grande, Liv. Americana, 1905.

ALVES, Aquiles Santana, Biogr. (1906-1976) — Jornalista e escritor santanense. Pseudônimo: João do Campo.

ALVES DE AZAMBUJA, Antonio, Biogr. (1778-1856) — Oficial miliciano triunfense. Casou com Ana Eulália, filha do sargento-mor Antonio Simões Pires.

ALVES DE AZAMBUJA, Graciano, Biogr. (1847-1911) — Bacharel em Direito, educador, musicógrafo, jornalista e escritor natural da capital, onde exerceu várias funções públicas. Tio de Severino Prestes e descendente direto de Jerônimo de Ornellas. Condiscípulo de Bibiano Francisco de Almeida e José de Sá Britto no Colégio de Hilário Ferrugem. Fez o curso superior em São Paulo, concluindo-o em 1866 juntamente com outros rio-grandenses, entre os quais Carlos Thompson Flores, Galdino de Freitas Travassos, Fausto de Freitas e Castro, Franklin Gomes Couto, Aureliano de Souza e Oliveira, José Ulhoa Cintra, Pedro de Miranda e Castro e Antonio Corrêa de Oliveira. Aluno brilhante, durante o aprendizado acadêmico fez-se amigo do futuro Barão do Rio Branco, freqüentando-lhe a famosa *república*, ponto de reunião de intelectuais, artistas, seresteiros, boêmios de talento e jovens reformistas. Um dos organizadores da Exposição Brasileiro-Alemã em 1882, ano em que lançou, com Ramiro Fortes Barcellos, a revista *Novo Mundo*. Diretor da Biblioteca Pública, a partir de 1883, substituindo o Dr. Joaquim Pedro Soares. Em 1885 iniciou a publicação do valioso *Anuário da Província* (depois Estado) *do Rio Grande do Sul*, constituído de trinta alentados volumes (1885-1914). Comissário do Brasil na Grande Feira de Chicago, em 1893. Lente de várias matérias no Colégio Souza Lobo, com profícua atuação nos setores educacionais e extracurriculares. Pensador, psicólogo, preceptor atilado, homem de idéias, haeckeliano e positivista moderado, inseriu na *Gazeta de Porto Alegre*, em 1880, longa série de artigos sobre as teorias de Spencer, George Lewes, Fechner, Kant e Wundt. "O Dr. Graciano de Azambuja — escreveu Argemiro

Cícero Galvão — é um espírito bem formado, uma inteligência suficientemente lúcida e dos mais fervorosos propagandistas dos modernos princípios filosóficos" (V. *A Luta*, Paulo, 28.07.1882). Entusiasta da vitivinicultura. Temperamento dinâmico, empreendendo sempre ligado às iniciativas úteis como a *Fiat Lux*, fundada em 11.05.1891 e da qual sócio destacado. Publicou, além de outros ensaios e estudos esparsos *Um Juízo Composto sobre o Visconde do Rio Grande*, Rev. Brasileira, Rio, tomo XI, 1897. autor também do volume intitulado *A Exposição de Uva e Viticultura no Rio Grande do Sul*, P. Alegre, Tip. de Germano Gundlach & Cia., 1905. **Bibliogr.** Carlos A. Reis, *Álbun do Rio Grande do Sul*, P. Alegre, 1905; Luiz Felipe Castilhos Goycochêa, *Nota sobre Graciano Alves de Azambuja*, Boletim Municipal, Alegre, Vol. IV, 1941; Othelo Rosa, *Graciano Alves de Azambuja*, Revista do IHG/RS, Alegre, 1ª a 4ª Trim., 1947.



Cidade de Porto Alegre: Usina da Cia. Fiat Lux, rua Sete de Setembro



Antonio Soares de Barcellos, grande propulsor da empresa

ALVES DE AZAMBUJA JUNIOR, José Raimundo, Biogr. (1913-1970) — Engenheiro civil, professor porto-alegrense. Filho do general Rafael Alves de Azambuja. Grande vulto do ensino universitário gaúcho, com vários trabalhos sobre mineralogia, geologia e petrologia.

ALVES DE OLIVEIRA, Ernesto, Biogr. (1862-1891) – Advogado, político e publicista rio-pardense. Propagandista da República. Bacharelou-se na capital paulista em 1883. Rubrica usual: Ernesto Alves. Diretor da *A Federação*. (1883-1889). Deputado constituinte. *Escola Estadual Ernesto Alves de Oliveira*: escola de 2º grau na cidade de Santa Cruz do Sul, subordinada à 6ª DE.



Ernesto Alves de Oliveira

ALVES DE OLIVEIRA, Glicério, Biogr. Advogado, político e professor, falecido em 1967.

ALVES DE OLIVEIRA, Manoel, Biogr. Jornalista. Na cidade de Rio Grande, em 1910, dirigiu *O Intrépido*, órgão das classes trabalhadoras.

ALVES DE PAULA, Manoel, Biogr. Jornalista e político. Na capital, em 02.04.1871, fundou *O Constitucional*, folha bimestral com o interessante dístico latino *Dum lucem habetis, credite in lucem* sob a epígrafe. // Adquirido em 1872 por Miguel de Faria Maia que, no ano seguinte, o dotou de moderna máquina impressora, fornecida pela firma Bouchaud & Aubertie do Rio, *O Constitucional* teve longa e acidentada existência, sempre ao serviço do Partido Conservador.

ALVES MEIRA, Gaspar, Biogr. Jornalista natural do Rio de Janeiro. Residiu na cidade de Rio Grande. Ali em 05.04.1874 fundou *O Amolador*, hebdomadário caricato, onde o escritor Valentim de Magalhães, seu sobrinho, publicou diversos trabalhos, os primeiros provavelmente de sua carreira literária. Vendendo o periódico a João Alves Ferreira, lançou em 04.07.1875 *O Diabrete*, órgão de idênticas tendências, também semanal, com charges de Pedro Mozer. Em fins de 1878 admitiu Francisco Luiz de Campos Junior como sócio, Constantino Alves de Amorim como ilustrador e Henrique Marcos Gonzalez, gravador espanhol, como chefe dos serviços litográficos.

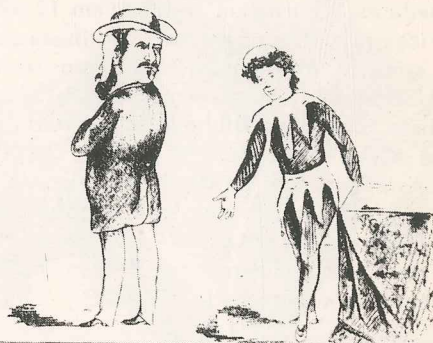
Alberto Borges Soveral e Anália Vieira do Nascimento, entre outros, foram colaboradores de *O Diabrete*, em cujas páginas também Thádeo Alves do Amorim deixou bonecos, retratos, perfis e interessantes *boutades* gráficas.

ALVES PEREIRA, Miguel, Biogr. Arquiteto aleretense, nascido em 1932. Diplomou-se em 1953 pela UFRGS. Co-autor do projeto da Refinaria Alberto Pasqualini e do Terminal Almirante Soares Dutra (1962-1966).

Nº 31 RIO GRANDE DO SUL 27 DE JANEIRO DE 1878 ANNO 3º

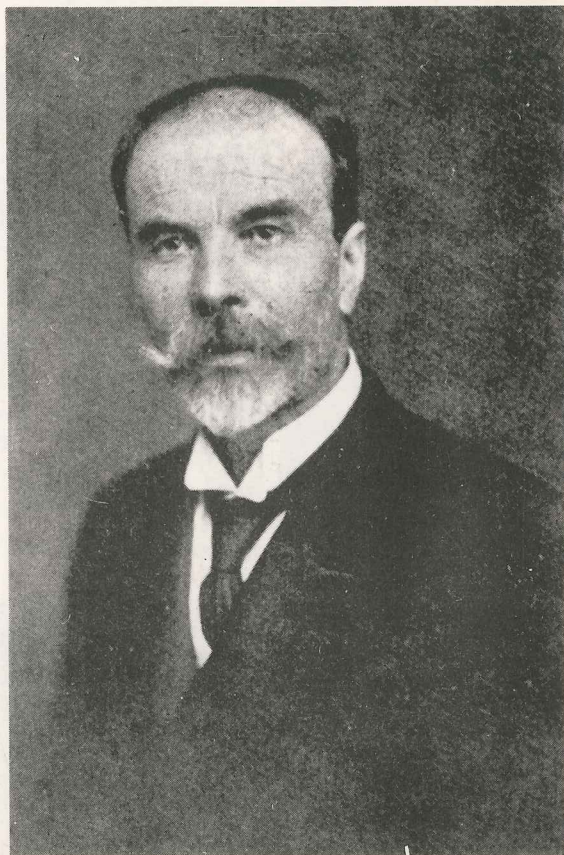


ASSIGNATURA TRIMESTRE	NAPROVINCIA 5\$000	FORADAPROVINCIA 6\$000	AVULSO 500RS
-----------------------	--------------------	------------------------	--------------



ADQUIRIU APRESENTO, CARDS LEITARES, EM POLITICO DA ACTUALIDADE

Charge de Constantino Amorim para *O Diabrete* (1878)

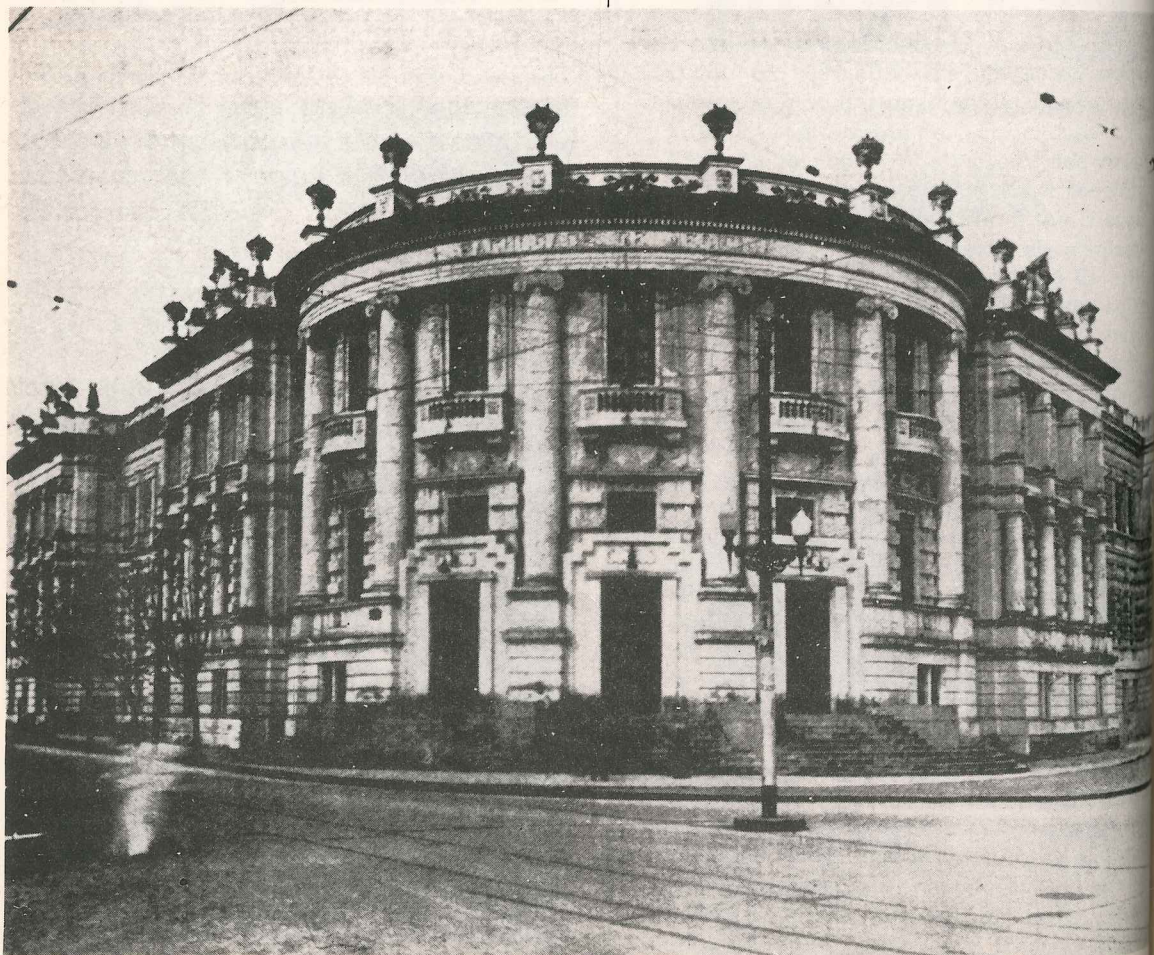


Protásio Alves

ALVES PEREIRA, Vasco, Biogr. (1818-1872) — Militar e político uruguaianense, Barão de Sant'Ana do Livramento. Combateu tenazmente os farrapos, lutando mais tarde contra Rosas e Solano Lopez. Obteve todas as promoções por merecimento, galgando o generalato. **Bibliogr.** Dante Pianta, General Vasco Alves, Diário de Notícias, P. Alegre, 13.07.1962.

ALVES, Protásio Antonio, Biogr. (1858-1933) — Médico, político e jornalista rio-pardense. Assinatura usual: Protásio Alves. Secretário do Interior nos governos de Antonio Augusto Borges de Medeiros e Carlos Gonçalves Barbosa. Grande animador da instrução pública. Em 05.04.1897, com Deoclécio Pereira e Sebastião Afonso de Leão, organizou o chamado *Curso de Partos*, ponto de partida da Faculdade de Medicina e Farmácia, fundada em 17.02.1898. Vice-presidente do estado. Castilhistas convicto e sincero, mas sem demasia doutrinárias e principalmente sem nenhum fanatismo pelas idéias comtianas. **Bibliogr.** Almir Alves, Protásio Alves, C. do Povo, P. Alegre, 28.09.1975. *Escola Estadual de 1ª Grau Protásio Alves*: educandário passo-fundense, subordinado à 7ª DE. *Escola Estadual de 1ª e 2ª Graus Protásio Alves*: estabelecimento de ensino porto-alegrense, subordinado à 37ª DE.

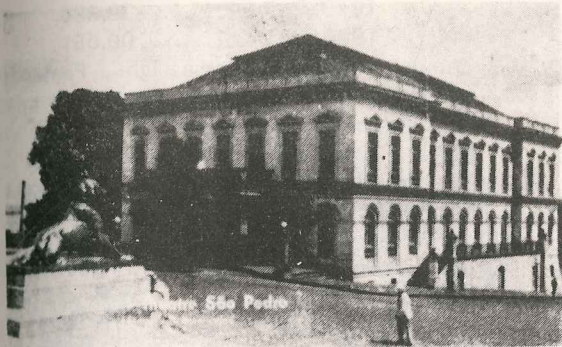
ALVES TORRES, Joaquim, Biogr. (1853-1911) — Jornalista e escritor porto-alegrense. Filho de pais humildes, conseguiu instruir-se, modestamente como autodidata. Deu ao teatro gaúcho da época grande projeção social, combatendo a escravatura, preconceitos e *parti-pris*. Figura saliente do *Partenon* e de outras instituições culturais, homem de imprensa, orador, comovido, enciclista, líder de grêmios cênicos, apaixonado pelas coisas da ribalta. Usava às vezes rubricas A. Torres, J. A. Torres e J. Alves Torres. Autor de dramas, comédias, pequenos entreatos de sabor burlesco, revistas, farsas de cunho moralista, sátiras de costumes e outros trabalhos no gênero, a maioria dos quais representados com geral agrado. De 1873 a 1905 não cessou de compor peças para animar o prosclênio rio-grandense, apresentadas ao público espetáculos de bom nível, quer no palco do São Pedro, quer em salões particulares, às vezes improvisados. Amigo de Murilo Furtado e Pedro Alvarez, cuja música muito contribuiu para o êxito das suas revistas. *Tipos da Época* (1891) e *Tipos de Porto Alegre* (1904), ambas de feitio caricatural, brejeiras cheias de hilariante vivacidade, no desenho de fatos e na movimentada urdidura dos *sketches*. O drama *O Sexto Pecado Capital* marcou-lhe a estréia, entusiasticamente saudada pela crítica. *A Ciumenta Velha* foi, ao que tudo indica,



Cidade de Porto Alegre: Faculdade de Medicina da UFRGS

derradeiro entrecho que produziu, já valetudiniário. Entre os inéditos, incompletos ou apenas bosquejados, deixou monólogos, sainetes e dois pequenos entremezes. // O primeiro teatro de Porto Alegre foi a *Casa da Ópera*, vasta construção de madeira, com cenários pintados a aguarrás. Funcionou de 1794 a 1843, brindando as diminutas platéias da época com elogios dramáticos, discursos recitados, exibição de bufões e pantomineiros etc. O segundo teatro porto-alegrense chamou-se D. Pedro II e teve também longa duração, apresentando variadíssimos programas: peças de Martins Pena, Alexandre Dumas, Manoel Joaquim de Macedo e Mendes Leal; comédias, quadros vivos, demonstrações de equilíbrio e prestígio, trechos seletos de Verdi e Bellini etc.

O teatro São Pedro, o terceiro da capital em ordem cronológica, foi terminado em 1857, um ano antes pois da chegada de Roberto Avé-Lallement que muito admirou o estilo clássico-decadente do prédio.



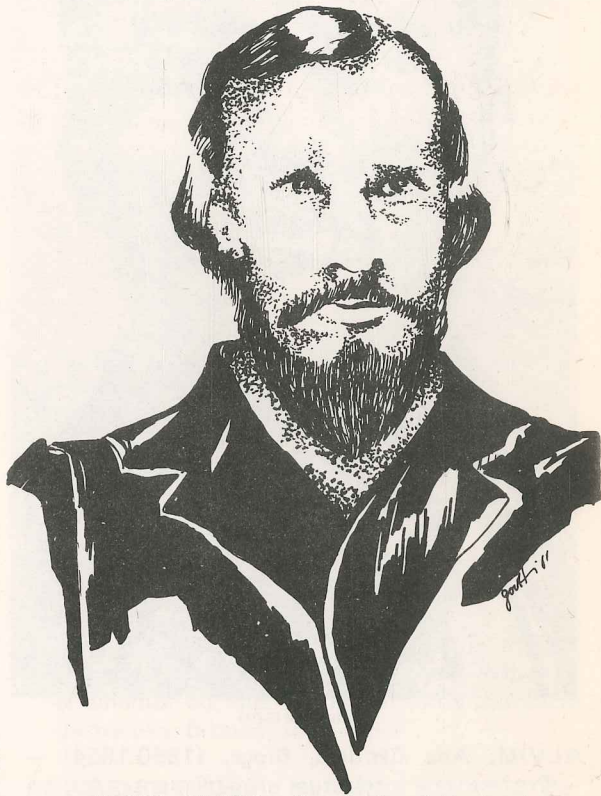
Cidade de Porto Alegre: Teatro São Pedro, obra do arquiteto sueco Felipe Normann, concluída em 1858

Nos meados do séculos XIX já existiam bons teatros também no interior, destacando-se entre eles o *Sete de Abril* de Pelotas, não inferior ao Lucinda do Rio, na opinião de Arthur

Leonino; o *Sete de Setembro* de Rio Grande, amplo e confortável; o de Sant'Ana do Livramento, de exterior monumental, segundo o Conde D'Eu e o *Esperança* de Jaguarão. A essas casas juntaram-se o *28 de Dezembro* de Bagé, inaugurado em 1872 e mais tarde o *Carlos Gomes* de Uruguaiana, com excelente palco, camarotes e poltronas.

No último trintênio dos Oitocentos, dezenas de grupos amadores movimentaram o teatro gaúcho, quer na capital, quer no interior. Os mais importantes em Porto Alegre foram incontestavelmente a *Sociedade Dramática Particular Luso-Brasileira*, instalada em 04.10.1874, a *Ginástica*, surgida em 05.08.1878 e a *Filhos de Talia*, organizada em 08.08.1886. Esta surgiu com três finalidades

primordiais: concorrer para o desenvolvimento da literatura teatral, prestigiar os elencos jovens e montar um gabinete de leitura especializado. Subsistiu até 1889, obtendo sempre resultados satisfatórios, mobilizando várias equipes de atores, cenógrafos, ensaiadores, contra-regras, encarregados de bastidores e camarins, especialistas em *mise-en-scène* etc.



QORPO SANTO: figura discutida do teatro gaúcho no século XIX

À *Luso-Brasileira*, obra de Eduardo Vasconcellos e Henrique Breuil, francês e professor de ginástica, pertenceram, entre outros, Joaquim Alves Torres, Arthur Rodrigues da Rocha, João Moreira da Silva, Aurélio Veríssimo de Bittencourt, José de Sá Britto e Dorival Moura.

De 1880 em diante, o interesse pela bem-sucedida arte histriônica em Porto Alegre foi de tal monta que surgiram, umas após outras, entusiásticas agremiações amadoristas, como a *Félix da Cunha* do Menino Deus, a *Luz e Progresso* de Luiz de Villeroy e Alcindo Mostardeiro, a *José do Patrocínio*, à qual pertenceram Henrique Martins e Arnaldo Dutra, a *Porto-Alegrense* de Orlando Motta e a *Arthur Rocha*, ainda atuante em 1911.

No interior da província, no último quartel do século XIX, vicejaram, entre outras, a *Luso-Rio-Grandense* de Rio Grande, com hino do maestro Pedro Borges, a *Melpomene* de Pelotas e o *Grêmio Dramático João Caetano*, também de Rio Grande, do qua fizeram parte David Villeroy, Horácio Nunes autor do drama *Dolores*, em 2 atos, várias vezes representado e Alfredo R. de Oliveira Junior jornalista e musicista, redator do *Eco do Sul*.



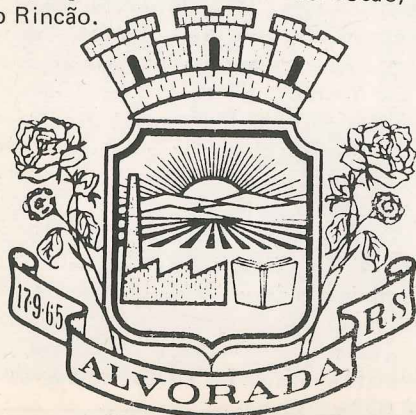
João Caetano

ALVIM, Ana Cândida, Biogr. (1850-1934) — Professora e intelectual uruguaianaense. Autora de *Grinalda de Saudades*, versos, P. Alegre, 1930.

ALVORADA¹, (Flexão fem. substantivada do part. de *alvorar*), Geogr. Município da Depressão Central. Data de criação: 17.09.1965. Área territorial: 71 km². População:

1960	13.776
1970	40.378
1980	92.380
1985	105.730

59.577 eleitores em 1986. Solos entremeados de granitos, calcários cristalinos e porfíros. Contrafortes de reduzida altitude. Produtos hortícolas. Indústria metalúrgica em expansão. Camping Clube na Estrada do Cocoão, Cascata do Rincão.



Alvorada¹: localização geográfica

ALVORADA², Geogr. Cidade a 16,0 km da capital, sede do município de Alvorada. Nome anterior: Passo do Feijó. População:

1960	13.341
1970	39.586
1980	90.651

Comarca de 3ª entrância. Igreja Pentecoste Unida Brasileira. Clube de Mães Maria Imaculada. Escola Estadual de 1º Grau Salgado Filho. Comunidade Evangélica Luterana São Marcos. Associação dos Aposentados e Pensionistas. Clube de Mães São Jorge. Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Clube de Mães Santa Teresinha, fundado em 03.02.1987. Centro de Proteção ao Menor (CEPROM), fundado em 22.02.1987, sob a presidência de João Carlos da Cruz Pereira. Eventos significativos: Festa de São José Operário (10 de maio); Festa dos Unionistas (agosto); Semana do Município (15 a 23 de setembro).



ALVORADA³, Geogr. Distrito na Encosta Inferior do Nordeste. Povoado principal: Linha Santa Lúcia (M. de Arvorezinha).

ALVORADA⁴, Geogr. Vila, sede do distrito do mesmo nome.

ALVORADA⁵, Geogr. Localidade no 2º distrito (M. de Tapes).

ALVORADENSE, Adj. 2 gêns. De Alvorada; s. gêns. o natural ou habitante desse município.

ALVOROTAR (Do lat. *volutare*, agitar), V. intr. Entrar a fêmea no cio.

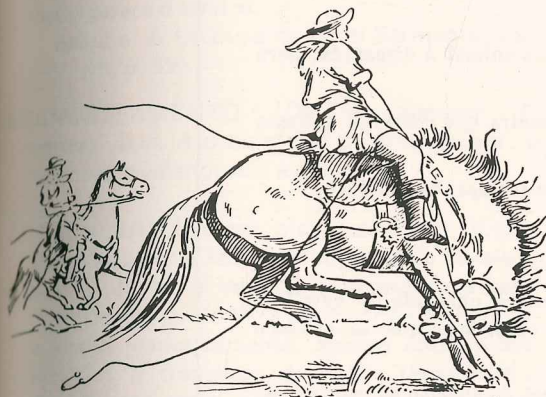
AMA — Sigla da Associação dos Municípios de Alegrete, fundada em 18.03.1987.

AMACHONADA (Part. de *amachonar-se*), Adj. Com aparência ou modos próprios de macho (a fêmea em geral); o mesmo que amachorrada. "Já tinha dois filhos e mais a mulher toda *amachonada*, aperreada de tanto trabalho..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 46).

AMACHONAR-SE (De *a* + *macho* + *ar*), V.pr. Tomar aparência ou modos de macho; masculinizar-se; ficar ou tornar-se estéril (a fêmea e por analogia a mulher); o mesmo que amachorrar-se.

AMACHORRAR-SE, V. pr. (V. *amachonar-se*).

AMADRINHADOR (ô) (De *amadrinhar* + *dor*), S.m. Peão auxiliar do domador. "Porteira afora, com dois *amadrinhadores*, não teve preguiça para velhaquear o colorado-pinhão..." (Echenique, Fagulhas do meu Isqueiro, p. 183). "O *amadrinhador* cuidava para que Negrito não fosse para os lados do Cerrito." (Newton Alvim, Dioguinho Manta, p. 79).



Lá adiante, junto da estrada,
No rebordo de um capão,
Amadrinhador do lado,
O potro vinha estonteado!

Balbino, A Estância de Dom Sarmiento, 2a. ed., p. 43.

No precioso glossário, apenso ao livro *O rio Grande do Sul*, Rio, Imprensa Nacional, 1908, Ernesto Antonio Lassance Cunha inventariou o termo, dando-lhe como neologismo rio-grandense e definindo-o em primeira mão.

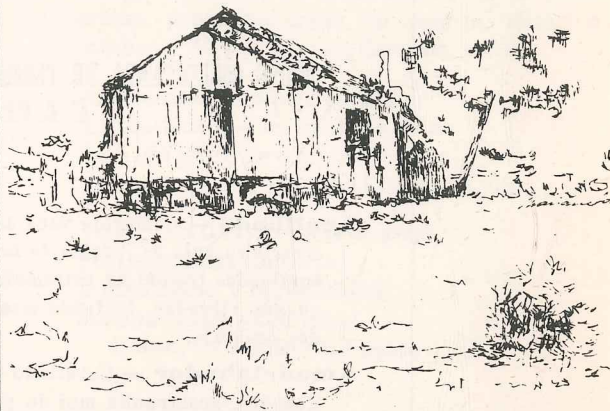
AMADRINHAGEM (De *amadrinhar* + *agem*), S.f. Ato ou efeito de *amadrinhar*.

AMADRINHAR (De *a* + *madrinha* + *ar*), V.t.d. Acompanhar, devidamente montado, o serviço de doma, auxiliando o domador e prestando-lhe assistência constante.

AMAGADA (De *amagar* + *ada*), S.f. Ação ou efeito de *amagar*.

AMAGAR, V.int. e t.d. Curvar para baixo; abaixar; deixar pender. "Fez cara-volta e *amagou* o corpo." (Heraclides, Onze Braças de

Campo e Algumas Sobras, p. 26). "O negro Pangaré *amagou* o mango entre as orelhas do bagual..." (Cyro, Campo Fora, p. 21). "*Amagavam* pra um lado e quebravam pra outro..." (Herlein, A Volta do Gaúcho Fausto Aguirre, p. 26).



Um pequeno rancho amalocado

AMALOCADO (Part. de *amalocar*), Adj. Que tem aspecto de maloca; s.m. que se amalocou.

AMALOCAR-SE (De *a* + *maloca* + *ar*), V.pr. Estabelecer-se em maloca; arrancar-se precariamente.

AMAMBIRADO (Part. de *amambirar*), Adj. Que se amambirou; que tem maneiras ou aparência de matuto; bronco; acaipirado.

AMAMBIRAR (De *a* + *mambira* + *ar*), V.t.d. Dar aparência de mambira a; p. tornar-se mambira, lábrego, malcriado, grosseiro.



AMAMOS — Sigla da Associação Municipal de Assistência ao Menor de Osório, fundada em 25.09.1897, sob a presidência de Carolina Emerim Simoni.

AMANAR (De *a* + *mano* + *ar*), V.t.d. Ficar mano a mano; igualar; emparelhar; ombrear; irmanar; nivelar.

AMANCUPARA, Hidrogr. Arroio formador do Guaçupi. Nome anterior: Lagoão.

BREVE COLLECTANEA DE TERMOS E LOCUÇÕES PECULIARES
A' CAMPANHA

Aguilhada — Comprida vara de ponta de aço, com a qual o carreteiro guia as junctas de bois atreladas á carreta; algumas aguilhadas trazem na extremidade argolas de ferro que tinem quando vibradas, bastando esse ruido para accelerar a marcha dos animaes.

Amadrinhador — Cavalleiro que, montando um animal manso e seguro, acompanha mui de perto o domador, afim de evitar que o pôtro arraste esse ultimo a qualquer perigo.

Arreio — Vide *sella*.

Apêro — Idem.

Attacar — Collocar-se á frente de um animal á disparada, para obrigar-o a retroceder.

Badana — Manta de pelle ou cazemira que cobre os pollegos postos sobre o lombilho.

Bagual — Cavallo bravo que só pôde ser apanhado a laço.

Bahiano — Mão cavalleiro.

Banhado — Pantano, alagado, charco.

Barbicacho — Alça de guasca presa á queixada do cavallo e que substitue o freio. E' com o barbicacho que se ensina o pôtro a obedecer ao governo.

Barbicacho de chapéo — Cordel de algodão ou couro, passado sob o queixo, para segurar o chapéo.

Beneficiar o gado — O mesmo que castral-o.

Boi corneta — Boi de guampas reviradas com as pontas para baixo.

Boi franqueiro — Boi de guampas rectas e longas.

Boliadeira — Apparelho composto de tres cordas de couro crú, tendo cada uma, na ponta, uma esphera de ferro. O gaúcho, a pé ou montado, para pegar qualquer animal á disparada, trava

AMANDAÚ, Potam. Rio tributário do Uruguai, pela margem esquerda. Tem 50 km de extensão. Principais afluentes: Bonito, Cristal, Dúvida, Erundi, Entrelinhas, Haroldo e Jaibé. Nome anterior: Boa Vista.

AMANHECER COM O VENTO NORTE NA CABEÇA, Loc. verb. (V. Vento norte).

AMANONSEADO (Part. de *amanosear*), A dj. Que tem amanoseio; manoseado. "Um bagual *amanoseado*, um crioulo das coxilhas..." (Florence, Querência - Memórias de uma Pequena Cidade Gaúcha, p. 43); (fig) obediente; disciplinado; civilizado; cortês; urbano; bem-educado.

AMANONSEADOR (ô) (De *amanosear* + *dor*), Adj. e S.m. Que, ou aquele que amanoseia; o mesmo que manoseador.

Dom Solon, mulato maua,
Aprendiz de domador,
Já dá pra *amanoseador*
Mas le carece o serviço.

Balbino, A Estância de Dom Sarmiento, 2a. ed., p. 59).

AMANONSEAMENTO (De *amanosear* + *mento*), S.m. Ato ou efeito de amanosear; o mesmo que amanoseio e manoseio.

AMANONSEAR (Do esp. plat. *manosear*), V.t.d. Desembravecer e reduzir à sujeição (o cavalo), dominando-lhe o instinto sem monta e sem violência, captando-lhe a confiança e tornando-o manso gradativamente, apenas com meios suavizantes e trabalhos de mão. (Pres. ind.: amanoseio, amanoseias, amanoseia etc.). "E tanto falquejava um linhôte como semeava uma quarta de trigo e já capava um touro como *amanoseava* um bagual." (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 41); (fig) fazer festas a; abrandar o coração a; requestrar com blandícias; agradar para conquistar a simpatia ou a benevolência de alguém; dar ensino a; adestrar; fazer conhecer; pregar; doutrinar; educar. "Há muito tempo que eu andava *amanoseando* a

china..." (Aquino, Gaúchos, p. 19). "O Pedro anda às voltas por aí, *amanoseando* uma mulata." (Odilon, Causos do João Maria, p. 25). // Var.: *amanunsiar*. "Foi entregue ao matalote para *amanunsiar* e aquerenciar..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 118). "E a mão do campeiro, mestra em *amanunsiar*, correu pelas crinas, procurou graxa no cogote, alisou o lombo..." (Cyro, Paz nos Campos, p. 19).

Amanunsei bem meu coração
E a saudade que tenho dessa china
Tem um gosto de mate-chimarrão!
Vargas Neto, Tropolilha Crioula, p. 68.

Tenho um Deus, o Deus do pago,
Protetor desta campina,
E uma deusa, a minha china,
Amanunsiada a capricho!
Braun, De Fogão em Fogão, p. 28.

AMANONSEIO, S.m. (V. Amanonseamento) // Var.: *amanunseio*.

No tempo das enxurradas,
Ofegante e coloreada,
Parece mulher matreira
No *amanunseio* do amor!
Lauro, Senzala Branca, p. 21.

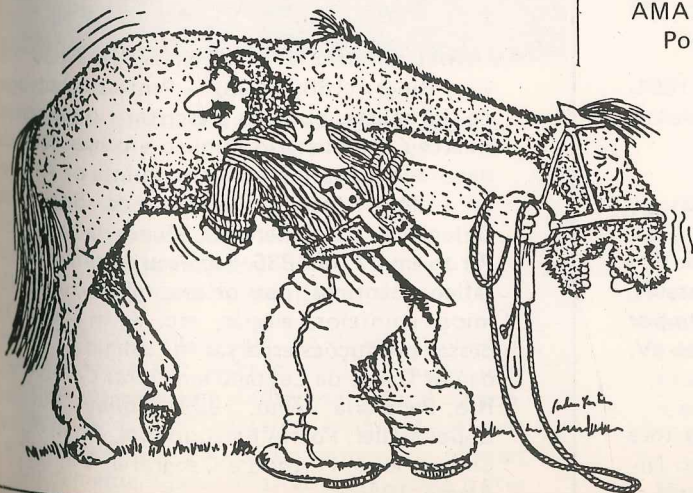
AMANSAR DE BAIXO, Loc. verb. Tirar as cócegas do animal cavalariço, ensinando-o a obedecer ao cabresto e a submeter-se ao trato. "Dom Joaquim assistia sempre a doma dos potrinhos e desde pequeninos os *amansava de baixo*..." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 60).

AMANSAR O MATE, Loc. verb. (V. Mate).

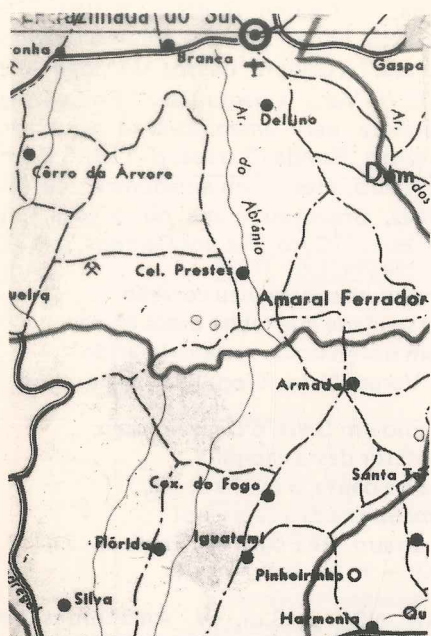
AMANUNSIAR, V.t.d. (V. Amanosear).

AMARAGI, Geogr. Localidade no Litoral, com balneário (M. de Capão da Canoa).

AMARAL, Hidrogr. Córrego que desagua no Portão³, pela margem direita (M. de Santiago).



AMANONSIADO: desenho de Tadeu Martins para o livro *O Cavalo Gaúcho* de Carlos Castilho, P. Alegre, Grafosul, 1983.



Amaral Ferrador: localização geográfica

AMARAL, Anselmo Francisco do, Biogr. Advogado e escritor vitoriense, nascido em 1914. Publicou *Campos Neutrais*, história, P. Alegre, Grafisilk, 1975 e outras obras, inclusive peças teatrais.

AMARAL DA SILVA, Astrogildo, Biogr. (1931-1954) — Jornalista e escritor bageense. De parceria com Dimas Costa escreveu *Céu e Campo*, poesias líricas e regionais, Bagé, Tip. Coelho, 1954.

AMARAL, Evaristo Teixeira do, Biogr. Advogado, jurista, político e jornalista.

AMARAL FERRADOR¹, Geogr. Município na Serra do Sudeste. Data da criação: 12.05.1988. Área territorial: 502 km². População estimada 1988 10.000

AMARAL FERRADOR², Geogr. Cidade à margem esquerda do Camaquã, sede do município de Amaral Ferrador. Paróquia em 04.05.1846. Nomes anteriores, São José, Patrocínio, São José do Patrocínio e Abolição.

AMARAL FERRADOR, José do, Biogr. (1801-1879) — Ruralista e político encruzilhadense. Prestigioso chefe farroupilha.

AMARAL FILHO, Evaristo Teixeira, Biogr. Advogado, juriconsulto, político e jornalista. Promotor Público em Soledade e outros municípios. Autor de muitos estudos e ensaios, entre os quais *A Adjudicação e o Protesto por Preferência*, Justiça, P. Alegre, Ano II, Vol. IV, abril de 1934.

AMARAL, Ilka dos Guimarães, Biogr. Escritora bageense, nascida em 1926. Pseudônimos: Nina de Aguiar e Rainha Mab. Produção esparsa.

AMARAL, Joaquim Kramer, Biogr. Agrônomo porto-alegrense, nascido em 1920. Diplomado pela Escola de Agricultura Eliseu Maciel em Pelotas. Autor de valiosos trabalhos sobre herbicidas e arroz irrigado.

AMARAL, Joel, Biogr. (1918-1977) — Artista plástico. Autor de trabalhos em xilogravura.

AMARAL LISBOA, Ana Aurora do, Biogr. (1860-1951) — Professora e escritora rio-pardense. Rubrica usual: Ana Aurora. Pseudônimos: Aura Lys e José Anselmo. Lecionou durante cinquenta e cinco anos, destacando-se como educadora esclarecida, poetisa, teatróloga, prelecionista e jornalista. Publicou, entre outras obras, as seguintes: *A Minha Defesa*, libelo político, P. Alegre, Liv. Americana, 1895; *Preitos à Liberdade*, versos cívicos, Rio Pardo, Tip. da A Reforma, 1900 e *Quem tu quer...*, comédia, Rio Pardo, Tip. Popular, 1931. **Bibliogr.** Walter Spalding, *A Grande Mestra*, P. Alegre, Tip. do Centro, 1953.

AMARAL LISBOA, Zamira do, Biogr. (1883-1944) Educadora e escritora rio-pardense. Irmã de Ana Aurora e Carlota do Amaral Lisboa, também dada às letras, com as quais fundou em 1883 o *Colégio Amaral*, estabelecimento de marcante influência na vida cultural e social de Rio Pardo.

AMARAL RIBEIRO, Geogr. Povoado no distrito, entre os arroios Bambu e Sapiranga (M. de Sapiranga).

AMARAL SARMENTO MENNA, Francisco Paula do, Biogr. (1804-1836) — Militante, jornalista e escritor rio-pardense. Na cidade de Alegrete, em 1863, fundou o periódico literário *Helicon*. Poeta elegiaco e panteísta, às vezes madrigalesco, afeiçoado ao metro curto, principalmente à redondilha. Autor de *O Exército e o Governo*, coletânea de artigos, póstuma, P. Alegre, Tip. do Mercantil, 1876.

AMARAL SARMENTO MENNA, Sabastião Xavier, Biogr. (1809-1893) — Professor, advogado, jornalista, político e escritor rio-pardense. Exerceu o Ministério Público e o mandato de deputado à Assembléia Constituinte de Alegrete (1842). Membro efetivo da Sociedade Defensora da Liberdade, fundada em Rio Pardo em 07.04.1835. Escreveu odes de caráter épico, cânticos patrióticos, glosas, epigramas, epinícios, elegias, etc. A maior parte dessas produções esparsas foi coligida e anotada por Dante de Laytano em *Obras Completas*, Rio, Papelaria Velho, 1933. **Bibliogr.** Alcides Lopes Míller, *Poetas Farroupilhas*, Anais do Congresso de História e Geografia, Vol. 19, P. Alegre, 1946.

AMARELA¹ (Flexão fem. de *amarelo*, cf. o baixo lat. hispânico *amarellu*), S.f. (V. Amarelinha). "Quantas libras, quantas *amarelas* retinentalhes..." (Márcio Dias, *Brumas da Minha Saudade*, 2a. ed., p. 168).

AMARELA², S.f. Variedade de mandioca tóxica.

AMARELINHA, S.f. Nome vulgarmente dado à onça de ouro que circulava no Rio Grande; o mesmo que *amarela*. "E lá voaram as *amarelinhas* para o pala do depositário..." (Freitas, *Gauchadas*, p. 47).

AMARELINHO (Flexão diminut. de *amarelo*), S.m. Tipo de tabaco em corda suave e aromático, também chamado *amarelo-bananeira*, secado em estufa, onde o fogo não pode ultrapassar a marca de 55 graus centígrados. **Bibliogr.** Fortunato Pimentel, *Aspectos Gerais da Cultura do Fumo no Rio Grande do Sul*, P. Alegre, Cita, 1948. "Vá lá dentro e traga um naco de fumo do *amarelinho*..." (Fontoura, *Umbu*, 2a. Série, p. 73). "Sem pressa picou o *amarelinho*, esfregando-o na palma da mão, sovou a palha, enrolou o crioulo..." (Cyro, *Porteira Fechada*, p. 19).

Meu bom fumo *amarelinho*
Torcido que nem sovêu!

Paim, *Primeiro Galope*, p. 8.

Pega também tua cherenga
Descasca um *amarelinho*...

Amandio Bicca, *Versos Crioulos*, p. 61.



Lavoura minifundiária no município de Santa Cruz do Sul

Está fumando seu cigarro?
Não oferece a ninguém?
Tenho faca, tenho palha
Tenho *amarelinho* também!

A alta qualidade do fumo gaúcho é reconhecida em todo o país, inclusive nos mercados externos. Cultiva-se o total aproximado de 87.000 hectares, estimando-se, por outro lado, em 200.000 o número de pessoas diretamente ligadas à lavoura. Em 1986 o Rio

Grande do Sul produziu 92.727 toneladas de matéria-prima e exportou volumes no valor global de US\$ 17,3 milhões.

Toda a classificação atual parte dos fumos TE (Tabaco de Estufa) com secagem artificial — *flue cured* — e TG (Tabaco de Galpão) com secagem natural, à sombra — *air cured*.

Ambos os tipos dividem-se, por sua vez, em três categorias — 1ª, 2ª e 3ª — segundo a constituição e posição das folhas na planta, cor e qualidade.

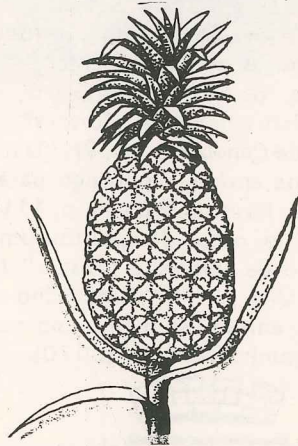
Os talos e fragmentos de lâminas constituem os resíduos, enquanto as folhas ardidas, mofadas ou podres, com comprimento inferior a 25 cm e de coloração verde-capim integram o grupo dos fumos crus abaixo dos padrões.

AMARELO¹ (Do baixo lat. hispânico *amarellu*). S.m. Defeito, em forma de manchas amarelas, encontrado em determinadas lãs.



Sobradinho: estufa para a secagem de folhas de fumo

AMARELO², S.m. (V. Abacaxi-pérola).



AMARELO-BANANEIRA, S.m. (V. Amarelinho).

Pela tam bém tua cherenga
descasca um "amarelinho"
e vai cortando, fininho,
a fina flor da Cachoeira
— *amarelo-bananeira*...

Dimas, *Tarca*, p. 54.

Pl.: amarelos-bananeiras e amarelos-bananeira.



Mateando solito: Bico-de-pena de Mário Mattos

AMARGO (Do lat. *amaru*, através do lat. hispânico *amaricu*), S.m. Infusão quente de erva-mate ao natural, reduzida a fragmentos e pó. Pode-se adicionar à bebida ervas medicinais, em folhas verdes ou secas, talos ou raízes; o mesmo que chimarrão, mate, mate amargo e mate chimarrão. "Bueno, toquemos — profériu, sorvendo o último gole do *amargo*." (A. Maya, *Tapera*, p. 93). "Sobre as caronas, recostados, peões enganando o estômago, em baforadas amigas, sorviam *amargos*..." (Osório, *Fogo Morto*, p. 85). "Então, seu negro do diabo, vem este *amargo* ou não vem?" (Othello, *Os Amores de Canabarro*, p. 37). "Daí a pouco foi à cacimba encher o porongo para fazer o *amargo*." (V. Pires, *Querência*, p. 111). "Será que ficou sério, o que desapontou um tanto o companheiro de *amargo* e prosa..." (Cyro, *O Príncipe da Vila*, p. 16). "Cleto Filho terminou seu *amargo*, enrolou-se melhor no ponche..." (Gomes, *Caminho Santiago*, p. 170).



A erva-mate, a cuia e a bomba no brasão de Venâncio Aires

Meu tirador, puro pardo!
com flecos nos cabrestilhos.
A badana e os cochonilhos
ele tapava, de largo.
Com ele bem me sentia
quando a trigueira trazia
aquelas cuias de *amargo*...

Aureliano, *Romances de Estância e Quercia*, pp. 9-10.

Pra quem mateia solito
o tempo sempre é mais largo
e anda um silêncio estirado
em cada gole de *amargo*!

Gilberto Carvalho, *Pássaro Perdido*, p. 68.

Adag. Primeiros os encargos, depois os apargos.

AMARGO-DE-APOJO, S.m. Chimarrão espumante. Pl.: amargos-de-apojo.

AMARGOTA (De *amargo* + *ota*), Adj. De um tanto áspero, azedo ou acre. "Erva *Amargota*." (Fagundes, *Destino de Taubaté*, p. 56).





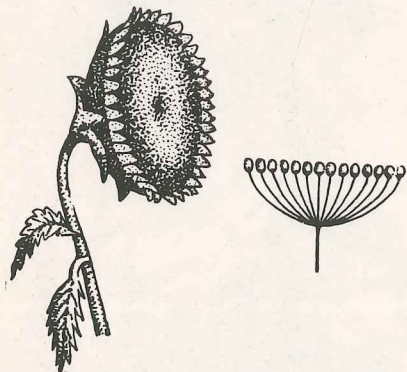
Amargueando: ilustração de Otelo Ribeiro para o livro *Tropeiros de Mula* de Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, P. Fundo, Gráfica Diário da Manhã, 1987.

AMARGUEAR (De *a* + *amargo* + *ear*), V.int. Tomar o amargo; chimarrear; congonghar; matear. "Solano atou um baio-sebruno na ramada e voltou a *amarguear*." (Severo, Visão do Pampa, p. 170). "Bento atou depois os cavalos na estaca e foi para o galpão *amarguear* com Basílio." (Freire, Alma de Gaúcho, p. 58).

AMARILHO (Do esp. plat. *amarillo*), S.m. Bot. Árvore da família das combretáceas. Casca fina, resinosa e tanífera. Flores agrupadas em capítulos. Fruto em forma de drupa. Cerne de notável durabilidade (*Terminalia australis* Camb.). "Num galho de *amarilho* ao rés d'água, um martim retratava-se à corrente..." (Barnasque, No Pago, p. 39). "Tinha deixado o cavalo no mato e estava deitado atrás dum *amarilho*..." (Martins, Fronteira Agreste, p. 301).

Há cabriúva e o espinilho,
o camboim e o aracá,
o timbó e o *amarilho*,
o salso e o cambará...

Mariante, Fronteira do Vaivém, p. 32.



Amarilho: flores agrupadas em capítulos

AMARO DA SILVEIRA, Joaquim Luiz, Biogr. Militar, advogado e professor porto-alegrense, nascido em 1906. Aspirante em 1928 e bacharel em Direito em 1938. Figura destacada na Revolução de 1930, ao lado de Getúlio Vargas, de quem foi ajudante de ordens. Lente da Escola Preparatória de Cadetes, em Porto Alegre.

AMARO DA SILVEIRA, José D'Ávila, Biogr. Advogado e político. Bacharelou-se em 1842 pela Faculdade de Direito de São Paulo. Na cidade de Pelotas, em 1856, foi um dos fundadores da *Sociedade Harmonia Pelotense*.

AMARO DA SILVEIRA, Dionísio, Biogr. (1811-1888) – Ruralista e político hervalense. Prócer farroupilha.

AMARO DA SILVEIRA¹, Manoel, Biogr. (1758-1824) – Grande ruralista e fazendeiro de Herval, tronco de importantes famílias gaúchas. Foi casado com Maria Antonia Muniz, natural de Maldonado, Uruguai, nascida em 1765.

AMARO DA SILVEIRA², Manoel, Biogr. Advogado, jornalista e político, grande amigo de Gaspar Silveira Martins, cuja orientação invariavelmente seguiu como membro e deputado do Partido Liberal.

AMARO DA SILVEIRA NETO, Miguel, Biogr. Advogado e jurista, nascido em 1939. Diplomou-se em 1965. Descendente de ilustrados troncos gaúchos.

AMARO DA SILVEIRA, Olavo, Biogr. Engenheiro militar, geógrafo e professor de educação física porto-alegrense, nascido em 1906. Criou a Escola Politécnica do Rio.

AMARO DE MEDEIROS, Cristina, Biogr. Escritora hervalense, nascida em 1889. Poetisa filiada à escola romântica, geralmente terna e lânguida, com transparente influência lamarquiniana.

AMARO DE MEDEIROS, Pequena, Biogr. Escritora rio-grandina, nascida em 1911. Filha de Cristina Amaro de Medeiros e casada com o pintor João Alão.

AMARO JUVENAL, Biogr. (V. Barcellos, Ramalho Fortes de).

AMARO JUVENAL JUNIOR, Biogr. (V. Messias Ney Cassiano Ribeiro).

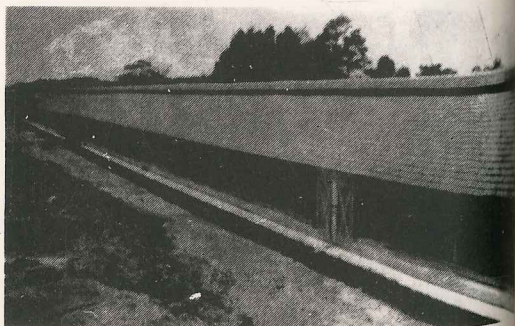
AMARRA (Contr. de *amarrar* + *a*, cf. o fr. *amarrer*), S.f. Ação ou efeito de, após a poda, ligar fortemente os ramos da parreira, em geral com fibras de vime seco.

AMARRAÇÃO. S.f. Disposição de fios, num pandorga, para assegurar a solidez da armação.

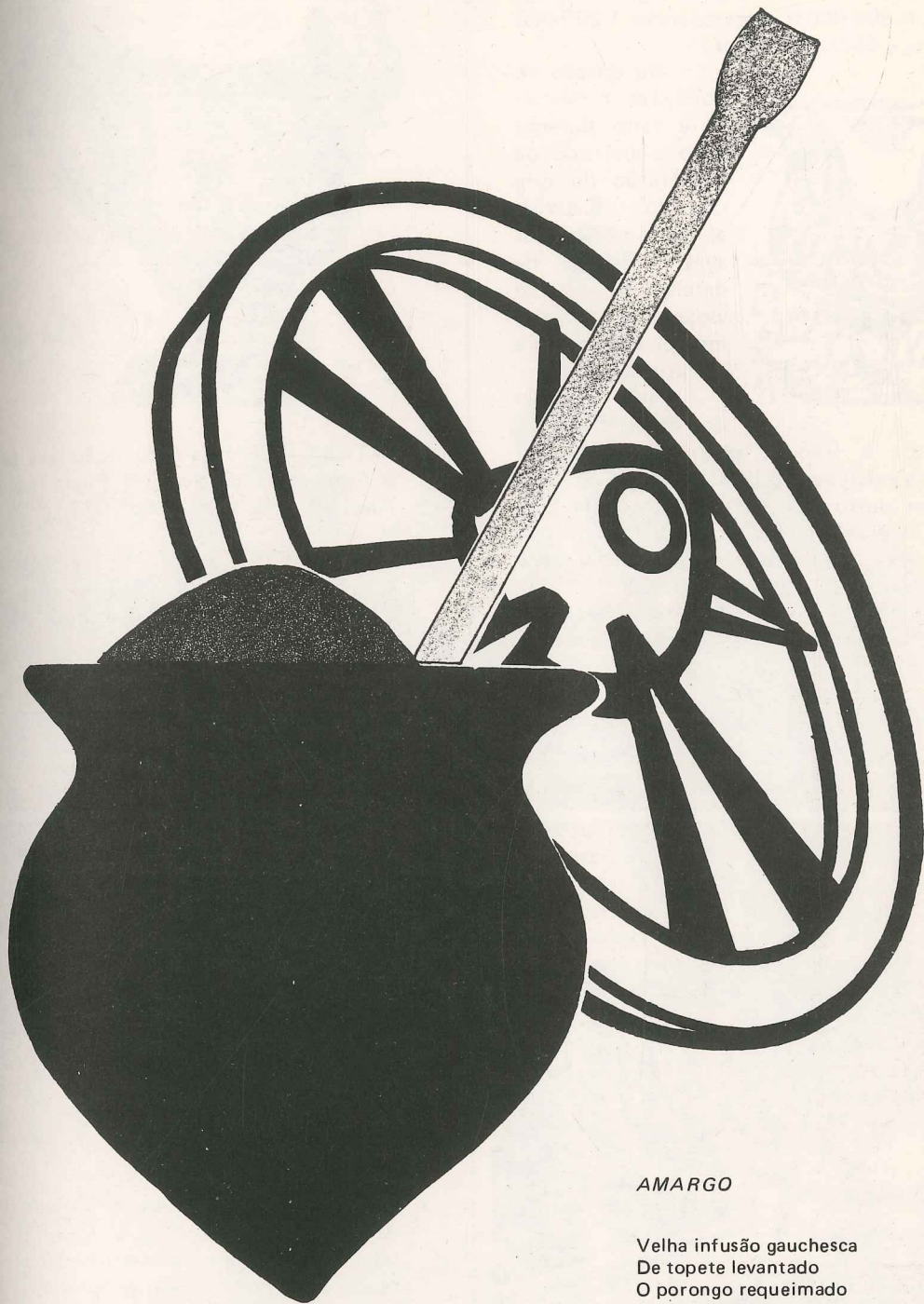
AMARRADO (Part. de *amarrar*, cf. o fr. *amarre*). Adj. Sem desembaraço; lerdo; falho de iniciativa; enleado; irresoluto; indeciso. "A cada dia que passava, aliás, Dona Eulália se sentia mais *amarrada*..." (Lessa, Os Guaxos, p. 80).

AMARRADOR¹ (ô) (De *amarrar* + *dor*), S.m. Lugar onde se prendem animais.

AMARRADOR² (ô), S.m. (V. Atador).



Aviário de matrizes



AMARGO

Velha infusão gauchesca
De topete levantado
O porongo requemado
Que te serve de vasilha
Tem o feitio da coxilha
Por onde o guasca domina,
E esse gosto de resina
Que não é amargo nem doce
É o beijo que desgarrou-se
Dos lábios de alguma china!

AMARS — Sigla da Associação dos Matadouros de Aves do Estado do Rio Grande do Sul, fundada em 10.11.1977 na cidade de Porto Alegre. // Em 1986 existiam no estado, segundo dados oficiais, 6.800.000 frangos de corte, 1.200.000 poedeiras e 480.000 matrizes.



Na criação de poedeiras, o descarte é feito durante todo o período de exploração do lote com dois objetivos: a) eliminação das aves portadoras de defeitos ou de baixo vigor; b) a constante melhoria da postura lucrativa.

Na maioria dos casos, a seleção

de pintos e frangas, chamada *refugagem*, permite a existência de bons plantéis.

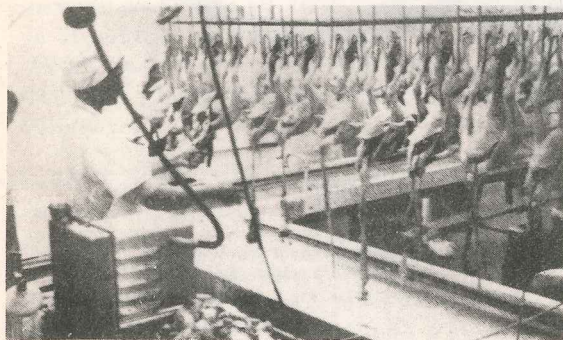
Por outro lado, os produtores de ovos usam o sistema denominado *muda forçada*, que engloba três aspectos básicos: o da sanidade, o da nutrição, e o do manejo adequado.

As aves criadas sobre arame apresentam-se relativamente livres de vermes e outros parasitos internos.

Nos chamados rebanhos de chão, as infestações por nematelmintios e vermes do gênero *Capillaria* causam em geral grandes prejuízos.

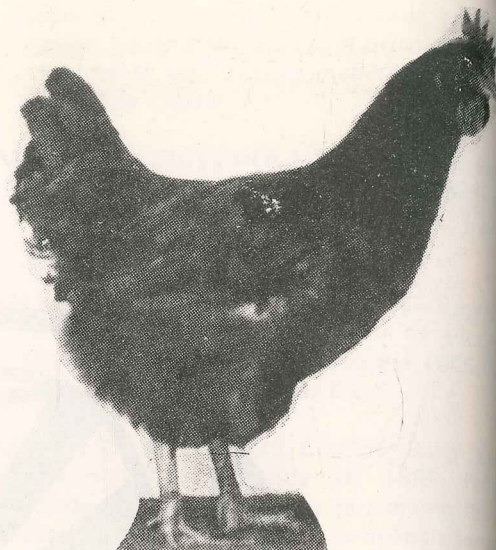
Por isso mesmo a limpeza cuidadosa dos abrigos e terrenos adjacentes constitui preocupação constante do avicultor tecnicamente bem orientado.

Os aviários mais modernos possuem grandes incubatórios, fábrica de rações e seu próprio abatedouro, às vezes com capacidade média de 2.500 cabeças por hora de abate.



Matadouro-frigorífico: calha de evisceração

AMARTILHAR, V.t.d. Aprontar (a arma de fogo) para funcionar; engatilhar. "Um retaco cupinudo *amartilhou* a pistola..." (Acauan, Ronda Charrua, p. 63). // Forma aferética: martilhar. (fig) aprestar; preparar; dispor com antecedência; urdir; planear. "Aquilo como que já estava *martilhado*, à espera..." (A. Maya, Taperia, p. 11); adestrar (o parreheiro) para correr.



AMATRES — Sigla da Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Três Figueiras de Porto Alegre, fundada em 28.03.1977.

AMATUNGADO (Part. de *amatungar-se*), Adj. Que se amatungou (o animal); que tem aparência ou aspecto de matungo; que lhe tem as características.

Quando novo era só dar rédea
Que corria no mais estrada fora!
E agora anda lerdo
Está *amatungado*...

— Pery, Coisas do Meu Pago, p. 138.

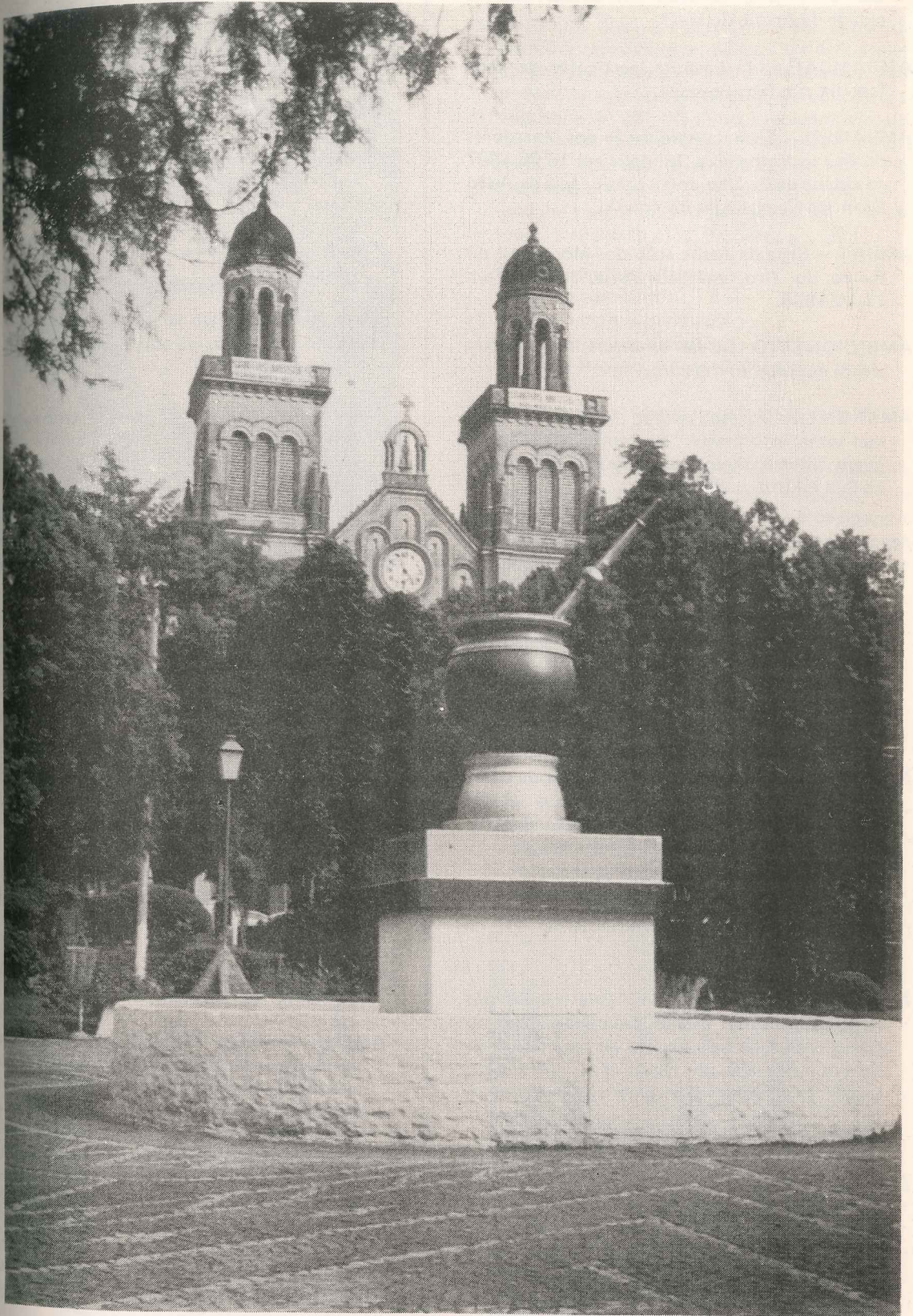
(Fig.) aquebrado; combalido; falta de forças físicas ou morais; abatido; enfraquecido; que perdeu o ânimo, o alento, o valor. "O caudilho também lá estava no catre de guáscas, imprecável e *amatungado*..." (V. Pires, Querência, p. 188).

AMATUNGAR-SE (De *a* + *matungo* + *ar*), V. pr. Tornar-se matungo (o animal); (fig) perder vigor ou o entusiasmo (por influência de qualquer fator interno ou externo), apachar-se.

AMATURRANGADO (Part. de *amaturrangar-se*) Adj. Que se amaturrangou; que tem aspectos feições ou modos de maturrango; que lhe é semelhante nos hábitos; próprio de maturrango.

AMATURRANGAR-SE (De *a* + *maturrango* + *ar-se*), V. pr. tornar-se maturrango; perder o desembaraço para cavalgar e lidar com o gado; desabituar-se à vida do campo; perder o tirocínio campeiro, principalmente os conhecimentos de equitação.

AMAU — Sigla da Associação de Municípios do Alto Uruguai, com sede e foro na cidade de Erechim, fundada em 18.09.1976.



*Cidade de Passo Fundo: monumento ao cinmar-
rão*

AMBA – Sigla da Associação dos Moradores do Bairro Aimoré, fundada em 31.08.1986 na cidade de Arroio do Meio.

AMBAMBAÉ, S.f. Lavoura particular de cada família, nos Sete Povos.

AMBAMED – Sigla da Associação dos Moradores do Bairro Medianeira, fundada em 13.06.1987 na cidade de Guaíba, sob a presidência de Adão Dionísio Neugebauer Bortowski.

AMBAT – Sigla da Associação dos Moradores do Bairro do Tiro, em São Borja, fundada em 11.10.1986.

AMBICIONEIRO (Do lat. *ambitio*), Adj. Ganancioso; cúvido; interesseiro.

AMBRENTO (Do esp. *ambre*, fome), Adj. Que tem fome; esfomeado. “O vivente tinha cara de quem vinha *ambrento*...” (Herlein, Os Causos do Seu Fausto, p. 32).

AMBROSETTI, Juan, Biogr. Publicista argentino. Percorreu grande parte da Região Missioneira, recolhendo motivos folclóricos, sobretudo lendas e crendices. Da sua autoria é o livro *Supersticiones y Leyendas* (Buenos Aires, 1917), contendo, entre outras temas rio-grandenses, os seguintes: Negrinho do Pastoreio, Cerro do Monge, Caá-Perã (fantasma do mato) e Casa do Mbororé.

À MEIA CARA, Loc. adv. Pela metade da cara: “O laço pegou-o à *meia cara*, o ginete acompanhou o tirão...” (Darcy, Coxilhas, p. 159).

Eu mandei fazer um laço
De couro de capivara
Pra laçar meu boi barroso,
Nem que seja à *meia cara*!

À MEIA COSTELA, Loc. adv. Pela metade das vértebras dorsais. “Conheciam quando o arroio estava com água pela barriga do cavalo, à *meia costela*, pela aba do lombilho...” (Aristides, Fundação e Evolução das Estâncias Serranas, p. 132).

À MEIA ESPALDA, Loc. adv. Pela metade da omoplata. “Como touro de banhado laçado à *meia espalda*, assim ficou o moço.” (S. Lopes, Contos Gauchescos, p. 135). “Agüentava – como eu vi – o tirão de um novinho laçado à *meia espalda*...” (Darcy, No Galpão, 3a. ed., p. 137); (por ext.) a tiracolo; pendurado ao ombro. “Diz que anos depois o viram num bagual ruano, lá pras bandas de Uruguaiana, numa comparsa de esquila, a gaita à *meia espalda*.” (Dornelles, Causos da Querência, p. 58).

À MEIA RÉDEA, Loc. adv. A galope ordinário isto é, sem a celeridade da carreira. “O velho Antero correu a guaiaca. Pagou o remédio, voltou à *meia rédea* pra casa...” (Dornelles, Causos da Querência, p. 141).

A MEIO GALPÃO, Loc. adv. (V. Galpão).

AMEIXEIRA-AMARELA, S.f. Bot. Árvore da família das rosáceas, originária do Japão. Fohas grandes. Fruto pequeno, redondo e semi-esférico, com duas sementes. Frutifica em agosto (*Eryobotrya japonica* Lindl). Pl.: ameixas-amarelas.

AMELHORADO (Do lat. *meliorare*), Adj. Diz-se do indivíduo vestido com mais apuro do que o costume.

AMÊNDOA (Do gr. *amygdale*, através do lat. *amygdala*), Hidrogr. Arroio afluente do Saracá, pela margem esquerda (M. de Canguçu).

AMENDOIM-BRABO, S.m. Bot. Planta da família das leguminosas, prejudicial às lavouras. Flores pequenas. Fruto em forma de vagens. Pl.: amendoins-brabos.

AMENDOIM-DO-NAMBIGUARA, S.m. Bot. Planta forrageira da família das leguminosas. Pl.: amendoins-do-nambiguara.

AMENDOIM-PARAGUAIO, S.m. Planta herbácea da família das leguminosas. // Espécie dicotiledônea, com processo especial de frutificação, chamado geocarpia, prefere os solos arenosos, leves, bem drenados.

AMENDOINZINHO-DO-CAMPO, S.m. Bot. Planta herbácea da família das leguminosas (*Platypodium elegans* Vog.) Pl.: amendoinhos-do-campo.

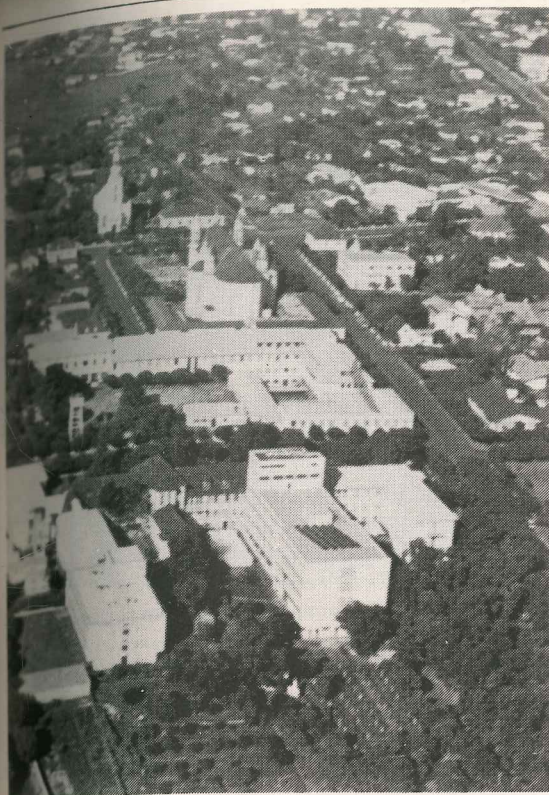
AMERICANA, Biogr. (V. Figueiroa de Melão Revocata dos Passos).

AMERICANISTA, Adj. 2 gên. Relativo ao pertencente ao Sport Clube Americano Universitário, fundado em 04.06.1912 na cidade de Porto Alegre e desaparecido em 1941; s. 2. gê. pessoa sócia ou simpatizante dessa agremiação. // Presidiram a entidade, em épocas diversas, entre outros, José Loureiro da Silva, Victor Graeff, Américo Gay, Jorge Eichemberg Filho, Pedro Cortês Campomar e Ataliba Streb.

AMERICANO, S.m. Tipo especial de pão fabricado do outorra na capital.

AMERINADA (De *a* + *merino* + *ada*), Adj. Diz-se de certa espécie de lã.

AMERMADO (De *a* + *merma* + *ado*), Adj. (Mermado).

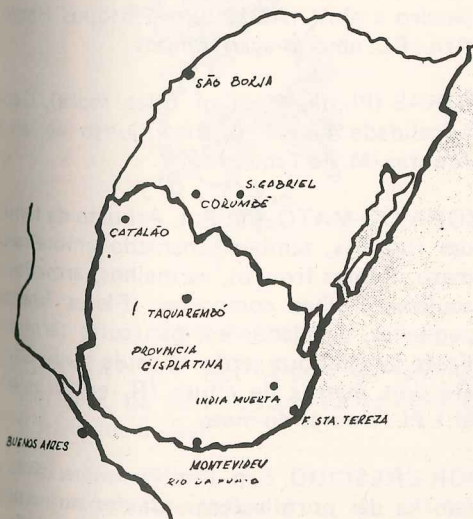


Cidade de Três de Maio: vista parcial

AMESNE — Sigla da Associação dos Municípios da Encosta Superior do Nordeste.

AMESTRE — Sigla da Associação dos Mestres da 30ª Delegacia de Educação, fundada na cidade de Três de Maio em 14.10.1978.

AMETISTAS, Liter. Versos de Lola de Oliveira, Ribeirão Preto, SP, Tip. Guimarães, 1922.



AMFRO — Sigla da Associação dos Municípios da Fronteira Oeste.

AMIGAÇO, Biogr. (V. Marques da Rocha, Balbino).

AMILHADO (Part. de *amilhar*), Adj. Diz-se do equino arraçoado com milho. "Os dois pujantes animais, tratados a palha de jerivá e bem *amilhados*, apareceram na raia." (Apolinário, O Vaqueano, p. 93). "O zaino, mal *amilhado*, um tanto aplastado da viagem, marchava a trote curto..." (Callage, Quero-Quero, pp.6-7). "Foi à estribaria e olhou com carinho o zaino e o tordilho negro, dois fletes *amilhados*..." (Fontoura, Rancho Grande, 3a. Série, p. 102).

Cavalo mouro *amilhado*

É como a sola batida...

E quanto mais lombilhado

Mais escarceia e convida!

Chico Ribeiro, Filosofia Campeira, p. 26.

AMILHÃO, S.m. Planta herbácea da família das leguminosas.

AMILHAR (De *a* + *milho* + *ar*, cf. o lat. *mil-i-um*, palatizado em *milh*), V.t.d. Arraçoar com milho. "De uma feita, animara-se a adelgaçar o tordilho, *amilhando-o* e variando-o com outro, *parelheiro*..." (A. Maya, Ruínas Vivas, p. 141).

Levo hoje vida serena

Do borborinho afastado

— Pensando em minha morena

— *A milhando* meu tostado!

M. Faria Corrêa, Rumo aos Pagos, p. 73.

Gaudério não desencilha

Nem dá Ô-de-casa! em tapera;

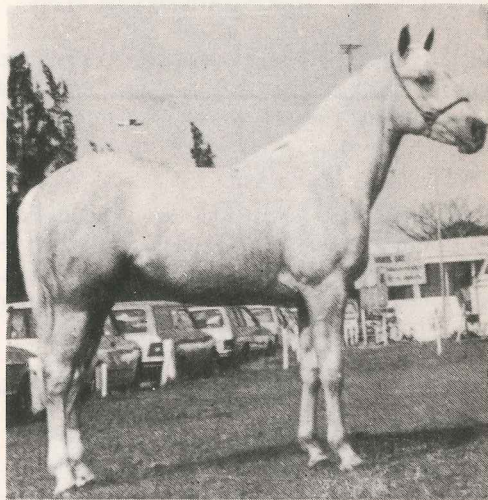
Chinoca que se destrilha

Nunca mais se retempera;

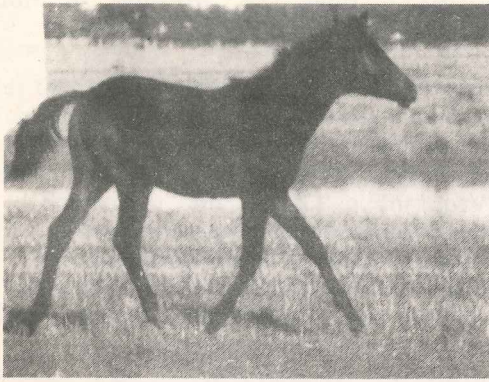
O bagual a gente *amilha*

E solta é na primavera!

Chico Ribeiro, Filosofia Campeira, p. 47.



AMO, Interj. Voz de incitação, equivalente a vamos! "*Amo!* coiceiro, cosquilhudo!" (Piá do Sul, Farrapo, 2a. ed., p. 37). "*Amo, zaino velho!* — gritava ele, acicatando o animal..." (Érico, O Continente, 3a. ed., p. 274).



AMOABA, Hidrogr. Arroio afluente do Carazinho, pela margem direita, também chamado Gandolfo.



Ponte sobre o Amoaba, no município de Paim Filho

AMOBU – Sigla da Associação dos Moradores do Bairro União de Caxias do Sul, fundada em 02.01.1982.

AMOCAMENTO (De *amochar* + *mento*), S.m. Ato ou efeito de amochar; o mesmo que descorne e desponde.

AMOCHAR (De *a* + *mocho* + *ar*), V.t.d. Tornar mocho; excisar parcialmente os chifres de.

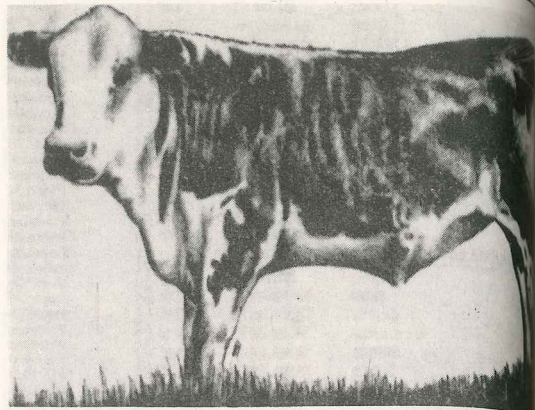
À MODA BARBUCHA, Loc. adv. Atabalhoadamente; com precipitação e mal; sem ordem nem método; o mesmo que à moda miguelona.

À MODA CAMPEIRA, Loc. adv. Segundo os costumes, os conceitos, a filosofia da vida pastoril. "Ele ia pedir satisfações à *moda campeira*." (João Virgolino Chaves, Quatro Casos Diferentes, p. 83).

À MODA MIGUELONA, Loc. adv.(V. À moda barbucha).

AMODORA – Sigla da Associação dos Moradores da Vila Dona Teodora de Porto Alegre, fundada em 02.01.1986.

AMOITAR NA PRIMEIRA PECHADA, Loc. verb. (V. Pechada).



AMOJADA, Adj. (V. Abicada).

Não castro touro em rodeio
Nem pialo vaca *amojada*;
Rancho armado sem esteio
Não guarda china pilchada!

Chico Ribeiro, Filosofia Campeira, p. 10.

AMOLA FACA, Hidrogr. Córrego tributário Padilha, pela margem esquerda.

AMOLECER A GALHETA, Loc. verb. Perder força, a energia, a coragem; encher-se de medo tornar-se tímido, desalentado.

Depois de quatro galopes
Amoleceu a galheta,
Com quatro toadas de mango
Já dava para ir a um fandango
Como matungo sotreta!

Aureliano, Romances de Estância e Queria, p. 41.

AMONTOAR CAMAÇADAS DE PAU, Loc. verb. (V. Camaçada).

AMOR-AGARRADINHO, S.m. Bot. Planta trepadeira e nectarífera da família das poligonáceas. Floresce no verão, principalmente em janeiro a abril (*Antigonum leptopus* Hook. Arn.) Pl.: amores-agarradinhos.

AMORAS (Pl. de *amora*, cf. o lat. *mora*), Geog. Localidade no 1º distrito, junto ao arroio Amoras (M. de Taquari).

AMORA-DO-MATO, S.f. Bot. Arbusto da família das rosáceas, também chamado amoreira-do-mato. Ramos frouxos, vermelhos, armados de acúleos. Folhas compostas. Flores brancas pequenas, agregados em panículas terminais. Fruto subgloboso verde. O caule pode atingir até dois metros de altura (*R. erythrocladum* M.). Pl.: amoras-do-mato.

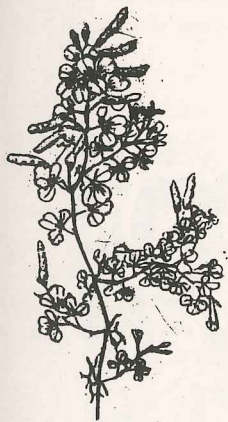
AMOR-CRESCIDO, S.m. Bot. Planta herbácea da família das portulacáceas. Caules numerosos ramificados. Folhas carnosas, um pouco ásperas. Flores grandes, amarelas. Fruto capsular ovóide (*Portucala hirsutissima* Camb.). Pl.: amores-crescidos.



Amoreira-branca

AMOR-DE-HOMEM, S.m. Bot. Planta fibrosa da família das malváceas (*Hibiscus mutabilis* L.). "Qual onze-horas, qual nada! Esta flor se chama *amor-de-homem!*" (Maria Ramos, *Banhado em Flor*, p. 18). Pl.: amores-de-homem.

AMOR-DO-CAMPO, S.m. Bot. Erva de caule pubescente, quase rasteiro, da família das leguminosas. Folhas compostas, de reconhecido valor medicinal. Flores roxas. Fruto em forma de vagem sésstil, com artículos ásperos, aderentes. Folíolos glabros na página superior. (*Desmodium aciscendis* (Sw) DC.). Pl.: amores-do-campo.



Amor-do-campo

AMOREIRA¹, S.f. Bot. Árvore da família das moráceas, da qual existem várias espécies no Rio Grande do Sul.

Não vi uma só flor
(nem sequer uma roseira!)
Naquele grande canteiro
Ao lado da *amoreira*...

Alberto Herculano Menna Barreto, *Simpli-
cidade*, p. 21).

AMOREIRA² (De *amora* + *eira*), Geogr. Povoador no 1º distrito, junto ao arroio Amoreira (M. de Canela).

AMOREIRA³, Hidrogr. Arroio caudatário do Paranhana, pela margem direita.

AMOREIRA-BRANCA, S.f. Bot. Árvore da família das moráceas. Madeira útil. Fruto comestível, dotado de propriedades medicinais. Pl.: amoreiras-brancas.

AMOREIRA-DO-MATO, S.f. Bot. (V. *Amora-do-mato*). "Alguma figueira-braba ou *amoreira-do-mato* estão sempre cheias destes bichinhos." (Mário Simon, *Lindeiro*, p. 26). Pl.: amoreiras-do-mato.

AMORES-SECOS, S.m. 2 núm. Bot. Trepadeira da família das loasáceas. Caule completamente revestido de pêlos urticantes. Flores axilares, providas de escamas vermelhas ou violáceas (*Blumenbachia issignis* Schrad.).

AMORIM, Thádeo Alves de, Biogr. (1856-1920) — Jornalista e desenhista rio-grandino, principalmente chargista e calunguista, autor de centenas de trabalhos em *crayon gras* e nanquim. Na cidade de Rio Grande foi



Desenho de Thádeo Alves do Amorim para o *Maruí* (1881)

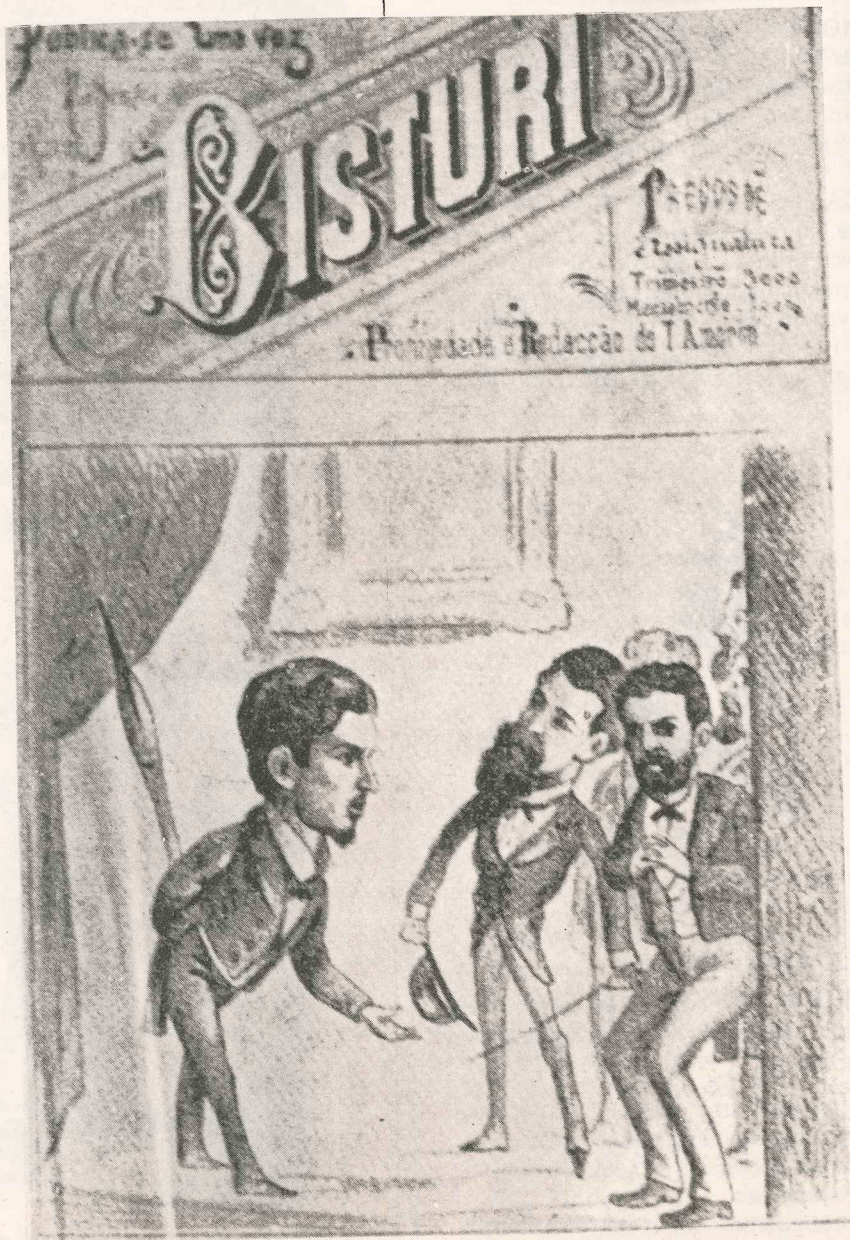
ilustrador do *O Amolador*, caricaturista e depois proprietário do *Maruf*, lançado em janeiro de 1880 por Henrique Marcos Gonzalez, desempenhando igualmente as funções de principal chargista do *O Diabrete*, outro periódico crítico de boa feitura, surgido em 04.07.1875 por iniciativa do ativo Gaspar Alves Meira.

Em 01.04.1888 fundou o *Bisturi*, acolhendo colaborações de Antonio Ferreira Campos, Luiz Canarim Filho, Sylvio Duarte e outros.

Em 1897 assumiu a direção artística do *O Rio Grande Ilustrado*, fundado por Severo Macedo.

AMOR-PERFEITO-DO-MATO, S.m. Bot. Planta nativa, ornamental, da família das orquidáceas. Flores grandes de labelo brancacento e estrias castanho-purpúreas. Fruto capsular oblongo. (*M. flavescens* Lindl.). Pl.: amores-perfeitos-do-mato.

AMOSPA — Sigla da Associação dos Músicos Instrumentistas da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, fundada em 30.11.1987, por iniciativa principalmente de Nilo Santa-Helena, Maristela A. Ávila, Carlos O. Aguirre, Sabino Barrios e Armando Moreira.



Desenhos de Thádeo Alves de Amorim para o *Bisturi* (1888).

AMOVINE – Sigla da Associação dos Moradores da Vila Neli, fundada na cidade de Sapucaia do Sul em 24.04.1983.

AMPARU – Sigla da Associação dos Moradores do Parque Residencial Umbu, fundada na cidade de Alvorada em 26.07.1987.



Ana Rech: cascata de Santa Bárbara

AMPRA – Sigla da Associação dos Municípios de Nova Prata, fundada em 06.12.1976.

AMPROS – Sigla da Associação do Ministério Público do Rio Grande do Sul, que tem sede e foro em Porto Alegre.



AMRIGS – Sigla da Associação Médica do Rio Grande do Sul, fundada na cidade de Porto Alegre em 27.10.1951, durante a 1ª Jornada Rio-Grandense de Cirurgia. // A entidade possui atualmente 26 agremiações filiadas, 18 departamentos científicos e 20 seções regionais. Desde 1975 atua como interveniente nos convênios entre o FUNRURAL e os hospitais.



AMUNTAR, V.t.d. Colocar-se sobre (o cavalo). "Amuntou de seguida e enveredou pra pulperia." (Acauan, Ronda Charrua, p. 21). "A gente, *amuntada*, só esperava o toque de avançar..." (Fontoura, Umbu, 2a. Série, p. 44).

Subi às portas das nuvens,
Amuntado num trovão,
Desci nas cordas da chuva,
Com dois coriscos na mão!

AMURAR, V.t.d. Abordar (alguém) tentando namoro ou aventura amorosa. "Dançaram as primeiras marcas e foram às falas num canto da varanda, *amurados*..." (Dornelles, Causos da Querência, p. 47).

AMUS – Sigla da Associação dos Municípios de Sapiranga, fundada em 07.06.1986.

AMVARC – Sigla da Associação dos Municípios do Vale do Caí, fundada em 29.04.1970.

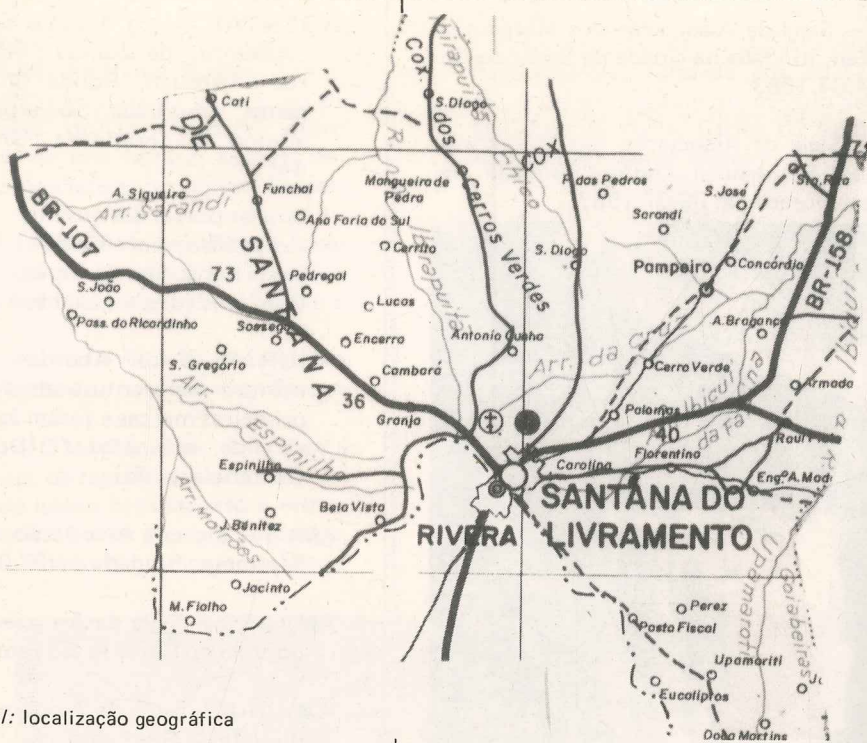
AMVARP – Sigla da Associação dos Municípios do Vale do Rio Pardo.

AMVESA – Sigla da Associação dos Médicos Veterinários da Secretaria da Agricultura.

AMVIC – Sigla da Associação de Moradores da Vila dos Comerciantes de Porto Alegre, fundada em 20.11.1985.



Ana Rech: localização geográfica



Ana Faria do Sul: localização geográfica

AMZOP – Sigla da Associação dos Municípios da Zona da Produção, que congrega comunas do Planalto Médio e do Médio Uruguai.

ANA AURORA, Biogr. (V. Amaral Lisboa, Ana Aurora do).

ANA CÉSAR, Biogr. (V. César, Ana Patrícia Vieira Rodrigues).

ANA FARIA DO SUL, Geogr. Localidade na região da Campanha (M. de Sant'Ana do Livramento).

ANAIS DA CAPITANIA DE SÃO PEDRO, Liter. Estudo histórico de José Feliciano Fernandes Nunes Pinheiro, mais tarde Visconde de São Leopoldo, Rio, Imprensa Régia, 1819. // O segundo volume da obra saiu em 1822, editado pela Imprensa Nacional sob o título de *Anais da Província de São Pedro*. A reunião dos dois trabalhos, sob essa última epígrafe, foi lançada pela Tip. de Casimir, Paris, 1839.

ANANAÍ, S.m. Ornitol. Ave da família dos anateídeos, também chamada pé vermelho e marrequinho.

ANANÁS-DO-CAMPO, S.m. Bot. Bromélia encontrada em diversos municípios. Folhas espinhosas nas pontas. Muito apreciada por suas propriedades medicinais (*Ananas sativus* Sch.). Pl.: ananases-do-campo. // Forma red.: ananás. "Eles encontravam ali, para alimentar-se, o aracá, a cereja, a pitanga, o maracujá, o juá, o *ananás*..." (Aquiles, *Noutros Tempos*, p. 98).

ANA RECH¹, Geogr. Distrito na Encosta Superior do Nordeste. Data da criação: 05.09.1927. Área territorial: 92.18 km². Padroeira: Nossa Senhora do Caravaggio (M. de Caxias do Sul). População:

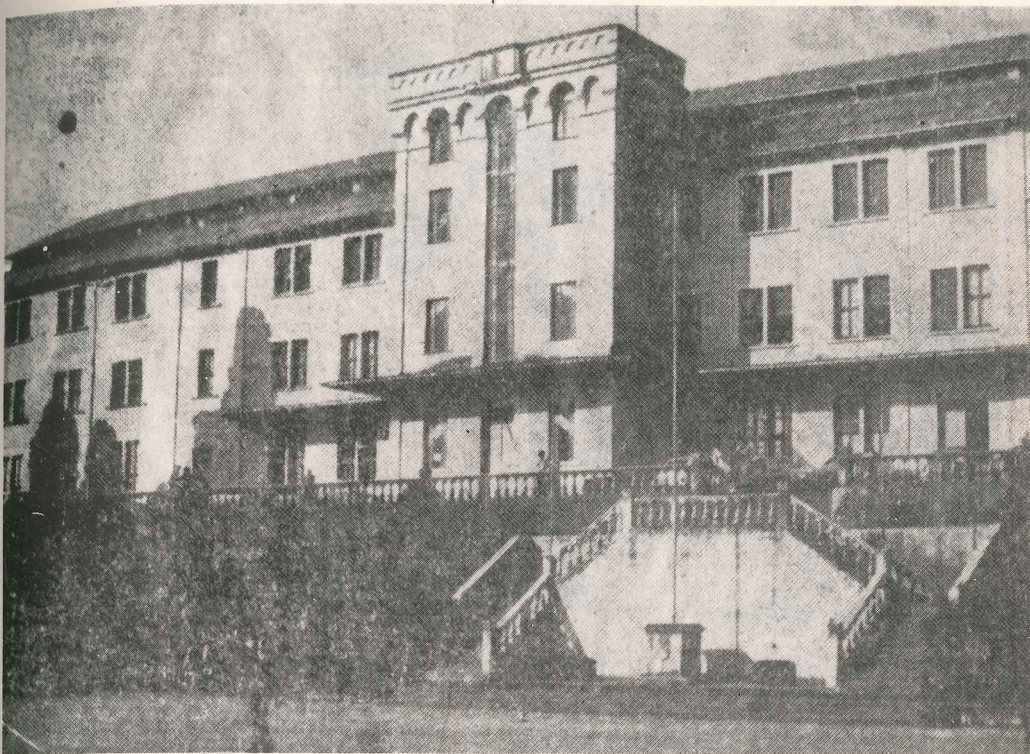
1960	4.463
1970	5.526

ANA RECH², Geogr. Vila à margem direita do Tobapina, sede do distrito de Ana Rech Curato em fevereiro de 1897. // Magnífico local de descanso e veraneio. Clube Atlético União. Clínica Professor Paulo Guedes Ltda. Escola Estadual de 1º Grau Hercília Petry.

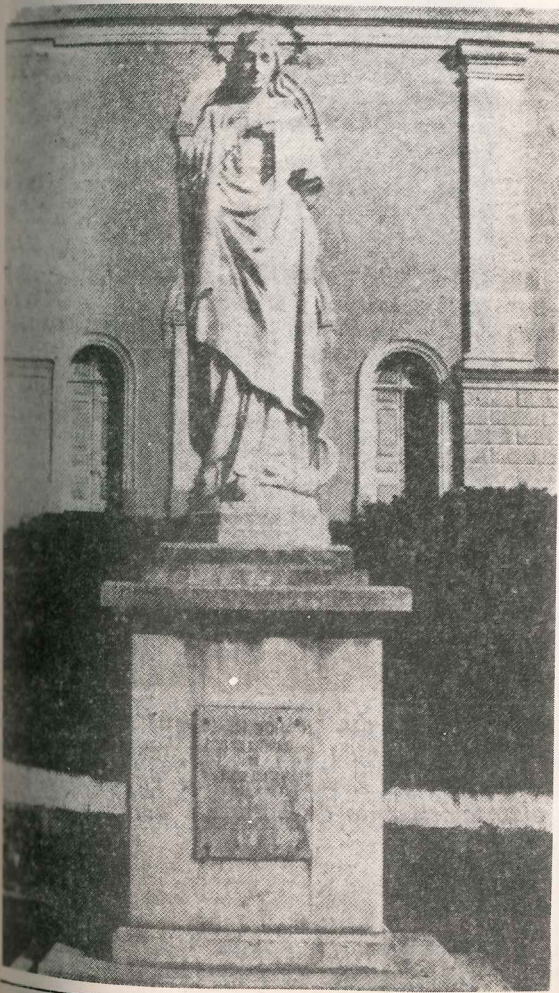


Cia Peteffi de Alimentos

Escola Murialdo dos Padres Josefinos. Cooperativa Agrícola Ana Rech Ltda. Hotel Bela Vista Parque. Indústria de Vimes Pioneira Ltda. Sociedade Amigos de Ana Rech (SAMAR), fundada em 25.08.1949. "Lá na boca da Serra, para lá de *Ana Rech*..." (Dalci Camp dos Bugres, p. 72). "O veraneio era na Serra: *Ana Rech*, Caxias, Garibaldi..." (Rodrigues, *Flores para os Torturados*, p. 115). // O topônimo lembra Ana Rech que, procedente de Pedavena, Feltre, já viúva, estabeleceu-se no local em 1891, com seis filhos e uma irmã falecendo octogenária nos começos do século. *Combate de Ana Rech*: combate, em 19.05.1923, entre as forças legalistas de Firmino de Paula e as rebeldes, comandadas por Felisberto Batista.



Ana Rech: Escola Murialdo dos padres Josefinos para a formação de técnicos agrícolas.



Colégio Anchieta

ANA-REQUENSE, Adj. 2 gên. De Ana Rech; s. 2 gên. o natural ou habitante desse distrito.

ANA ROSA FLECONT, Biogr. (V. Fontana, Carlos Eugênio).

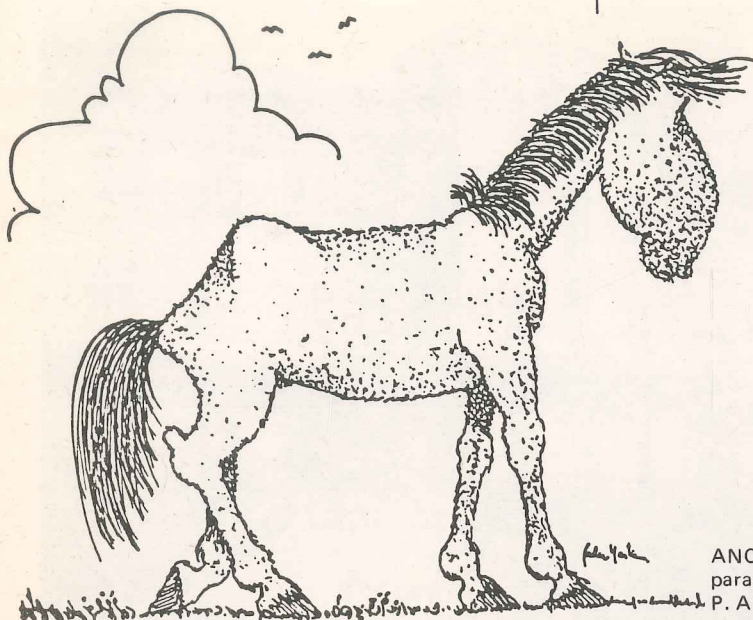
ANASTÁCIO, Hidrogr. Ribeirão caudatário do Santa Maria, pela margem esquerda.

ANA-VELHA, S.f. Ornitol. (V. Socozinho). Pl.: anas-velhas.

ANCA CHATA, Expr. Diz-se do animal cavalari que tem os quartos traseiros quase na mesma linha horizontal do lombo.

ANCA DE VACA, Expr. Diz-se do equino cujos quadris afilados lembram os da fêmea do touro.

Ana Rech: monumento comemorativo ao Dogma da Imaculada Conceição, proclamado pelo Papa Pio IX.



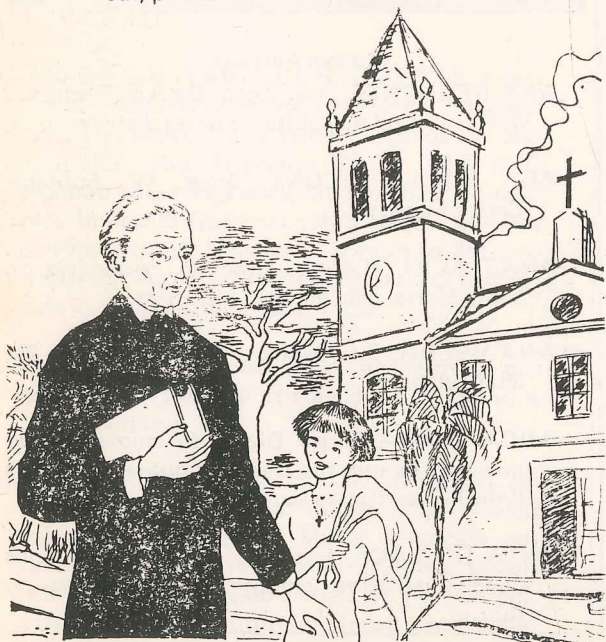
ANCA DE VACA: desenho de Tadeu Martins para o livro *O Cavalo Gaúcho* de Carlos Castilho. P. Alegre, Grafosul, 1983

ANCHIETANO, Adj. Relativo ou pertencente ao Colégio Anchieta de Porto Alegre, fundado em 13.01.1890, sob a direção do padre Francisco Trappe; s.m. aluno desse tradicional educandário.

ANCHO (Do esp. *ancho*), Adj. Ufano; satisfeito de si mesmo; ostentoso; arrogante; que se arroga méritos especiais. "No entanto, ele se mostra mui *ancho*..." (Cyro, Estrada Nova, p. 101).

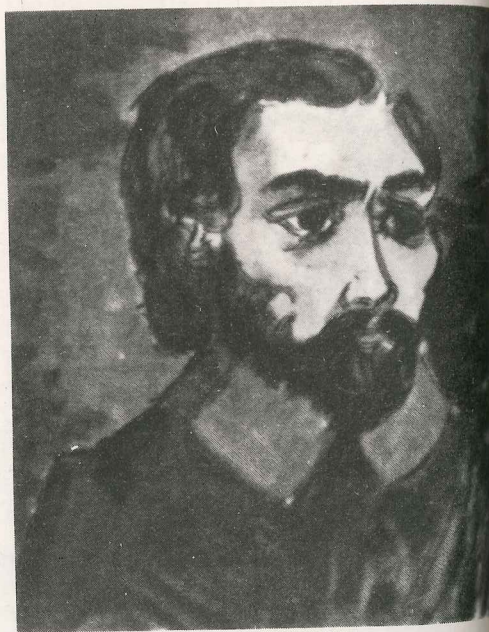
E vai às canchas mui *ancho*
Num passito de carancho
No seu famoso bagual!

Balbino, *A Estância de Dom Sarmiento*, 2a. ed., p. 52.



José de Anchieta, missionário espanhol (1533-1597), chegado ao Brasil em 1553 juntamente com Duarte da Costa, 2º Governador Geral.

ANCHOVA (ô), S.f. Ictiol. Peixe teleosteo da família dos pomatomídeos que frequenta as águas marítimas gaúchas, geralmente em cardumes (*Pomatomus saltatrix* L.).



Duarte da Costa

ANDA (Do lat. *ambulare*), S.f. O ato de andar, andamento, a locomotividade do equino. "Olhou o baio-sebruno que ele montava avaliando os encontros, a *anda*, o lance, os machinhos..." (Martins, *Caminhos do Sul*, p. 51).

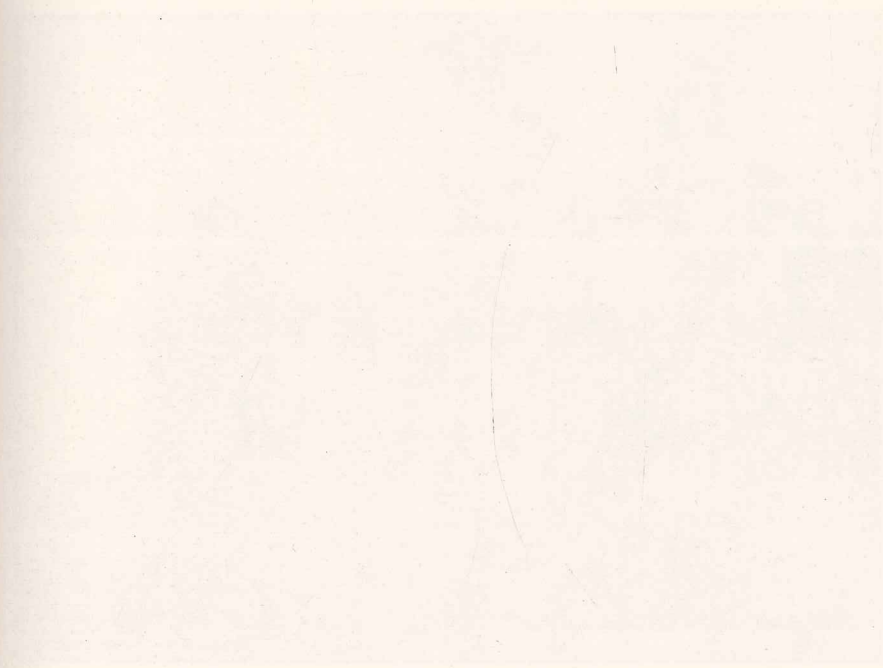
ANDADOR (ô) (De *andar* + *dor*), Adj. Diz-se do animal cavalар meio-marchador.

NOVA LITERATURA

de - Rio - Grandense
estrada

ANTONIO CARLOS MACHADO

FASC. 3º



GRÁFICA EDITORA BERTHIER

PASSO D'AREIA



BERTHIER
GRÁFICA - EDITORA